

UMA CRIATURA DÓCIL

Fiódor Dostoiévski



PRIMEIRA PARTE

Do autor

Peço desculpas aos meus leitores por lhes oferecer desta vez apenas uma novela, em vez do Diário em sua forma habitual. Mas esta novela simplesmente me tomou a maior parte do mês. Em todo caso, peço condescendência aos leitores.

Agora sobre a história em si. Intitulei-a “fantástica”, ainda que eu mesmo a considere realista no mais alto grau. Mas aqui de fato ocorre o fantástico, e justamente na própria forma da história, o que eu considero necessário esclarecer de antemão.

Acontece que não se trata nem de um conto nem de memórias. Imaginem um marido, em cuja casa, sobre a mesa, jaz a própria mulher, suicida, que algumas horas antes atirou-se de uma janela. Ele está perturbado e ainda não conseguiu juntar os pensamentos. Anda pelos cômodos da casa e tenta entender o que aconteceu, “concentrar os pensamentos em um ponto”. De mais a mais, trata-se de um hipocondríaco inveterado, daqueles que falam sozinhos. Aí é que está, ele fala consigo mesmo, conta o ocorrido, tenta esclarecê-lo para si próprio. Apesar da aparente coerência do discurso, algumas vezes se contradiz, tanto na lógica como nos sentimentos. Ao mesmo tempo em que se justifica e culpa a mulher deixa-se levar por explicações esquisitas: há nisso tanto rudeza de pensamento e de coração como um sentimento profundo. Aos poucos ele consegue esclarecer para si o ocorrido e “concentrar os pensamentos num ponto”. Por fim, evoca uma série de recordações que inevitavelmente o levam à verdade; a verdade inevitavelmente eleva seu espírito e seu coração. No fim, até o tom da narrativa se modifica, se o compararmos ao início desordenado. A verdade revela-se ao infeliz de modo bastante claro e preciso, ao menos para ele.

É este o tema. Certamente, o processo da narração prolonga-se por algumas horas, com interrupções e pausas, de modo incoerente: ora ele fala para si mesmo, ora volta-se para um ouvinte invisível, para algum juiz. E na realidade é sempre assim mesmo que acontece. Se um estenógrafo pudesse ouvi-lo às

escondidas e anotar tudo em seguida, o resultado seria um pouco mais escabroso e mais tosco do que o apresentado por mim, mas, ao que me parece, é provável que a ordem psicológica fosse a mesma. Bem, esta suposição de um estenógrafo que anotasse tudo (e sobre cujas anotações eu trabalharia em seguida) é o que eu chamo de fantástico na narrativa. Mas o certo é que, em matéria de arte, já se admitiu coisa semelhante mais de uma vez: Victor Hugo, por exemplo, em sua obra-prima *O último dia de um condenado*, utilizou quase que a mesma técnica e, ainda que não tenha lançado mão do estenógrafo, permitiu-se uma inverossimilhança ainda maior, ao admitir que um condenado à morte pudesse (e tivesse tempo de) registrar as memórias não apenas do último dia, mas até da última hora e literalmente do derradeiro minuto. Porém, se ele não se tivesse permitido essa fantasia, não existiria nem mesmo a obra – a mais real e mais verossímil de todas as que escreveu.

1. Quem era eu e quem era ela

Pois é, por enquanto ela está aqui, ainda está tudo bem: venho olhá-la a cada instante; mas amanhã será levada, e como é que irei me arranjar sozinho? Agora ela está na sala, em cima da mesa, juntaram duas mesas de jogo, o caixão vem amanhã, branco, com mortalha de seda branca, mas, aliás, não se trata disso... Eu só faço andar e tentar esclarecer isso tudo para mim mesmo. Já faz seis horas que estou tentando esclarecer e não há meio de concentrar meus pensamentos num ponto. Acontece que eu só faço andar, andar, andar... Eis como tudo se passou. Eu simplesmente contarei pela ordem (ordem!). Senhores, eu estou longe de ser um literato, e isso os senhores! A novela *Uma criatura dócil* foi publicada originalmente no número de novembro de 1876 da revista *Diário de um escritor*. (N. T.)

verão, mas não importa, contarei o caso tal como o compreendo. E todo o meu horror reside justamente no fato de compreender tudo!

Se querem saber, isto é, se eu começar bem do início, ela veio à minha casa naquela época, sem a menor cerimônia, penhorar uns objetos para pagar um anúncio no *Golos2* em que ela, preceptora, coisa e tal, concorda até mesmo em viajar dar aulas a domicílio etc etc. Isso foi bem no começo, e eu certamente não fazia diferença entre ela e os outros: ela vinha como todos, e até com mais simplicidade. Mas depois passei a fazer. Ela era tão franzina, loirinha, mais para alta do que baixa, sempre desajeitada no trato comigo, parecia perturbar-se (acho que era assim com todos os estranhos, e eu, sem dúvida, era igual a qualquer outro para ela, isto é, não pelo lado do penhorista, mas da pessoa). Tão logo recebia o dinheiro, no mesmo instante dava meia-volta e saía. E o tempo todo calada. Os outros discutem, insistem, regateiam de todo modo para que eu lhes dê mais; ela não, o que dessem... Parece que estou confundindo tudo... Sim, fiquei surpreso, antes de mais nada, com os seus objetos: brincos de prata dourada, uma medalhinha ordinária, jóias baratas. E ela mesma sabia que valiam, quando muito, uns dez copeques, mas pelo seu rosto eu via que eram preciosas para ela – e de fato isso era tudo o que tinha sobrado de seu paizinho e de sua mãezinha, soube depois. Somente uma vez eu me permiti caçoar de seus objetos. Isto é, vejam, isso eu não me permito nunca, meu tom com o público é de gentleman: poucas palavras, cortesia e seriedade. “Seriedade, seriedade, seriedade.”³ Mas ela de repente se permitiu trazer os restos (isto é, literalmente) de uma jaquetinha velha de pele de lebre – então eu não me contive e de repente disse algo, fiz uma espécie de chiste. Deus meu, como ela corou! Ela tem os olhos azuis, grandes, pensativos, mas como se inflamaram! No entanto, sem deixar escapar uma palavra, pegou seus “restos” e foi-se embora. Nessa altura,

pela primeira vez eu reparei nela de um modo particular e pensei sobre ela algo no gênero, isto é, justamente algo num sentido particular. Sim, e lembro ainda a impressão, isto é, possivelmente, se querem saber; a impressão principal, a síntese de tudo: justamente que ela era jovem demais, tão jovem que parecia ter catorze anos. Entretanto, faltavam na época três meses para completar dezesseis.

Aliás, não era isso o que eu queria dizer; não era nisso, em absoluto, que residia a síntese. No dia seguinte, veio de novo. Soube depois que havia levado a jaquetinha para Mozer e Dobronrávov, mas estes, afora ouro, não aceitam nada e nem quiseram conversa. Quanto a mim, certa vez recebi dela um camafeu (assim, baratinho), e depois, ao ponderar, me surpreendi: eu, afora ouro e prata, também não aceito nada, mas aceitei o camafeu. Esse então foi meu segundo pensamento sobre ela, disso eu me lembro.

Dessa vez, isto é, depois do Mozer, ela trouxe uma piteira em âmbar, uma pecinha à toa, coisa de amador, mas que para nós realmente não tem nenhum valor, porque de valor, para nós, só o ouro. Como ela voltou mesmo depois da revolta do dia anterior, eu a recebi com um ar sério. Seriedade em mim é segura. Entretanto, ao entregar-lhe dois rublos, não me contive e disse, aparentando uma certa irritação: “Só faço isso para a senhora, Mozer não aceitaria esse tipo de coisa”. Frisei de modo especial as palavras: “para a senhora”, e justamente com certa intenção.

Fui cruel.

Ela ficou corada outra vez ao ouvir esse “para a senhora”, mas calou-se, não largou o dinheiro, pegou-o – o que não faz a pobreza! E como corou! Percebi que a tinha magoado. E

depois que ela saiu, de repente perguntei-me: será mesmo que esse triunfo sobre ela vale dois rublos? Hi-hi-hi! Lembro-me de que fiz essa pergunta exatamente duas vezes: “será que vale?”

Será que vale?”. E, rindo, decidi em meu íntimo pela afirmativa. Isso me deixou até bem alegre.

Mas não foi por um mau sentimento, eu o havia feito com um propósito, com uma intenção; eu queria colocá-la à prova, porque de súbito em minha mente começaram a fermentar certos pensamentos a seu respeito. Essa foi a terceira vez que tive um pensamento particular sobre ela.

Enfim, foi aí que tudo começou. Naturalmente, fui logo tratando de tomar informações por vias indiretas sobre todas as circunstâncias e esperei com

ansiedade a sua vinda. Pois eu 2 *Voz*, semanário da época. (N. T.)

3 “Strogo, strogo i strogo”: o narrador cita *O capote*, de Gógol. (N. T.) pressenti a que ela não tardaria a voltar. Quando voltou, puxei uma conversa amável, com uma cortesia fora do comum. Pois eu recebi uma certa educação e tenho bons modos. Hum! Ai justamente descobri que ela era boa e dócil. As pessoas boas e dóceis não são de opor resistência por muito tempo e, ainda que não sejam lá de se abrir muito, esquivar-se de uma conversa é coisa que elas não conseguem de jeito nenhum: mal respondem, mas respondem, e quanto mais se insiste, melhor; só que, se estiver interessado, não vá se deixar cansar. Naturalmente que ela mesma na época não me explicou nada. Isso do Golos e do resto eu só fiquei sabendo depois.

Publicava os anúncios então já no limite de seus recursos, de início, naturalmente, com arrogância: “Preceptora”, dizia ela, “disposta a viajar, enviar as condições pelo correio”, mas depois “disposta a tudo, a dar aulas, a ser dama de companhia, a cuidar dos afazeres domésticos, a tratar de doente, e sei costurar” etc etc, o de sempre! Naturalmente que isso tudo foi sendo acrescentado aos anúncios em várias oportunidades, mas por fim, quando já estava chegando à beira do desespero, até mesmo “sem ordenado, pela comida”. Não, não encontrou trabalho!

Decidi então submetê-la à prova uma última vez pego de repente o Golos do dia e mostro-lhe um anúncio: “órfã de pai e mãe, procura emprego de preceptora para crianças pequenas, de preferência em casa de viúvo idoso. Pode ajudar no trabalho da casa”.

– Aqui está, veja, essa colocou o anúncio de manhã e agora à tarde certamente já deve ter encontrado trabalho. É assim que se deve anunciar!

Corou de novo, os olhos voltaram a chamejai deu meia-volta e saiu no mesmo instante. A coisa me agradou muito. Pensando bem, a essa altura já estava plenamente convencido e não tinha receios: as tais piteiras ninguém ia aceitar. Até porque ela já não tinha piteira nenhuma. E

assim foi, no terceiro dia ela chega, muito pálida, perturbada – eu percebi que alguma coisa tinha lhe acontecido em casa, e de fato acontecera. Já vou explicar o que aconteceu, mas antes o que eu quero é recordar como na hora, de repente, me fiz de chique para ela e cresci aos seus olhos. A idéia me veio de repente. Acontece que ela tinha trazido a tal imagem... Ah, ouçam, ouçam! É

aqui que a coisa começa, até agora só fiz me atrapalhar todo... Acontece que agora eu quero recordar isso tudo, tintim por tintim, nos mínimos detalhes. Não

faço senão tentar concentrar os pensamentos num ponto e não consigo, mas há esses detalhes, esses pequenos detalhes...

Era a imagem da Virgem. A Virgem com o Menino, antiga, familiar, caseira, com moldura de prata dourada, devia valer – bem, uns seis rublos, valia. Percebo que a imagem é preciosa para ela, que penhora a imagem toda sem tirar da moldura. Digo-lhe: seria melhor tirar a moldura e levar a imagem; mesmo porque a imagem, de qualquer maneira, não é muito apropriada.

– Por acaso é proibido?

– Não, proibido não é, mas talvez, para a senhora mesma...

– Então, tire.

– Quer saber de uma coisa, não vou tirar, e vou colocar ali no nicho – disse eu, depois de refletir – com as outras imagens, embaixo da lamparina – desde que abri a caixa de penhores, mantive sempre uma lamparina acesa –, e não faça cerimônia, tome dez rublos.

– Não preciso de dez, dê-me cinco, venho resgatá-la sem falta.

– Mas não quer os dez? A imagem vale – acrescente, notando que seus olhinhos tornavam a luzir. Ela não abriu a boca. Entreguei-lhe cinco rublos.

– Não se deve desprezar ninguém, eu mesmo já passei por tais apuros, e até pior, minha senhora, e se hoje a senhora me vê em tal ocupação... Pois isso foi depois de tudo o que suporrei...

– O senhor não está se vingando da sociedade, está? – interrompeu-me de repente com um ar de troça bem sarcástico, no qual, aliás, transparecia muita ingenuidade (isto é, em geral, por que na época decididamente não me distinguia dos outros, tanto que o disse quase sem maldade).

Pensei, “veja só quem é você, seu caráter se revela sob um novo ângulo!”

– Veja – observei no mesmo instante, meio brincalhão, meio enigmático –, “eu sou uma parte daquela força que quer o mal, mas cria o bem...”.

Ela olhou para mim imediatamente e com uma curiosidade, aliás, quase infantil:

– Espere... Que pensamento é esse? De onde vem? Ouvi em algum lugar...

– Não precisa quebrar a cabeça, com estas palavras Mefistófeles recomenda-se

a Fausto.

Leu o Fausto?

– Não... Com muita atenção, não.

– Então, não leu absolutamente. Deveria ler. E aliás, torno a perceber nos lábios da senhora um sinal de troça. Por favor, não atribua a mim tanto mau gosto, como se eu, para embelezar meu papel de penhorista, quisesse recomendar-me à senhora como Mefistófeles. Uma vez agiota, sempre agiota. Sabemos disso, minha senhora.

– O senhor é estranho... Eu não queria absolutamente dizer lhe nada nesse sentido...

Queria dizer “Eu não esperava que o senhor fosse uma pessoa culta”, mas não disse, no entanto eu sabia que tinha pensado isso; eu a toquei fundo.

– Veja – observei –, em qualquer atividade é possível fazer o bem. Não é o meu caso, é certo: além do mal, vamos admitir, não faço nada, mas...

– É certo que se pode fazer o bem em qualquer profissão – disse ela, olhando para mim com um olhar vivo e compenetrado. – Absolutamente em qualquer profissão – acrescentou de repente.

Oh, eu me lembro bem, eu me lembro de todos esses momentos! E ainda quero acrescentar que quando essa juventude, essa adorável juventude, deseja dizer alguma coisa inteligente e profunda, então de repente mostra com uma expressão extremamente sincera e cândida que “veja, estou lhe dizendo agora uma coisa inteligente e compenetrada”, e não por vaidade, como é do nosso feitio, mas ainda assim percebe-se que ela própria dá muito valor a tudo isso, não só acredita como respeita e pensa que também os senhores respeitam isso tudo do mesmo modo que ela, Oh, a sinceridade! E aí, justamente, é que vencem. E como isso era encantador nela!

Eu me lembro bem, não me esqueci de nada! Quando ela saiu, tomei de vez a decisão.

Naquele mesmo dia saí para as últimas averiguações e soube tudo o que faltava sobre ela, sobre os podres de agora; os podres de antes eu já conhecia todos pela Lukéria, que nessa época trabalhava na casa dela e que eu tinha subornado uns dias antes. Esses podres eram tão terríveis que eu não consigo compreender como ainda era possível rir como ela fizera havia pouco e mostrar curiosidade

pelas palavras de Mefistófeles, achando-se ela mesma em tal horror. Porém, coisas da juventude! Na hora foi exatamente o que pensei a seu respeito com orgulho e alegria, porque aí, de fato, também há magnanimidade: ao que parece, apesar de se encontrar à beira da ruína, as palavras grandiosas de Goethe resplandecem para ela. A juventude, ainda que um pinguinho meio sem rumo, é sempre magnânima. Ou seja, é dela que estou falando, dela apenas.

E o mais importante é que então eu já a olhava como minha e não duvidava do meu poder. Os senhores sabem como esse pensamento é voluptuoso, quando já não se tem qualquer dúvida.

Mas o que se passa comigo? Se continuar assim, quando é que vou concentrar tudo num ponto? Mais rápido, mais rápido – não é disso absolutamente que se trata, oh, Deus!

2. O pedido de casamento

Os “podres” de que me inteirei a seu respeito, vou resumi-los em poucas palavras: o pai e a mãe tinham morrido, já fazia tempo, três anos antes, e ela ficou na casa de umas tias sem eira nem beira. Isto é, chamá-las assim é pouco. Uma tia é viúva, de família grande, com seis filhos, um menor que o outro, a outra é uma velha solteirona, detestável. Ambas são detestáveis. O pai dela tinha sido funcionário público, simples escrivão porém, e ainda por cima mero funcionário nobilitado⁴. Em suma: eu estava com tudo nas mãos. Surgia como que de um mundo superior: fosse como fosse, era um capitão-mor reformado de um regimento glorioso, nobre de nascimento, independente etc, e quanto à caixa de penhores, as tias só podiam vê-la com 4 Funcionário que possui apenas título individual de nobreza, não hereditário. (N. T.) consideração. Havia três anos que estava na casa das tias na condição de serva, e apesar de tudo tinha prestado exames em algum lugar – conseguira passar, arrancou-se de um trabalho diário desumano para passar –, e isso da parte dela significava mesmo certa aspiração ao que é superior e nobre! Para que então eu queria me casar? Aliás, quanto a mim, pouco importa, fica para depois... Por acaso é disso que se trata? Ensinava os filhos da tia, costurava a roupa branca e ainda por cima lavava não só a roupa branca, mas, apesar do peito fraco, também o chão. Elas chegavam pura e simplesmente a espancá-la, a atirar-lhe cada migalha na cara. Por fim, estavam pensando em vendê-la. Irra! Estou omitindo a sordidez dos detalhes. Mais tarde ela me contou tudo detalhadamente. Tudo isso foi observado durante todo um ano pelo vizinho, um vendeiro gordo, não um vendeiro qualquer, mas com duas mercearias. Já tinha acabado com a doce vida de duas mulheres e buscava uma terceira, foi então que pôs os olhos nela: “é quieta, cresceu na pobreza, quanto a mim, caso-me por causa dos órfãos”. De fato, ele tinha filhos órfãos. Pediu sua mão, começou a se entender com as tias, e mais: ele tinha cinquenta anos. Ela estava apavorada.

Foi aí justamente que passou a vir com frequência à minha casa para os anúncios no Golos. Por fim, pôs-se a pedir às tias que lhe dessem um nadinha de tempo que fosse para pensar. Deram-lhe esse nadinha, mas apenas isso, mais não concederam, começaram a atormentá-la: “Mesmo sem uma boca a mais, nós mesmas não sabemos o que comer”. Eu já sabia de tudo isso, mas naquele mesmo dia, depois da conversa da manhã, decidi. Daí, ao anoitecer, chegou o vendeiro, trazendo da mercearia uma libra de balas de cinquenta copeques; ela sentou-se com ele, mas eu chamei Lukéria da cozinha e mandei que fosse cochichar para ela que eu estava no portão e desejava dizer-lhe algo absolutamente inadiável. Fiquei satisfeito comigo mesmo. E no geral passei aquele dia todo extremamente satisfeito.

Ali mesmo no portão, diante de Lukéria, expliquei a ela, que já estava surpresa pelo fato de eu tê-la chamado, que consideraria uma felicidade e uma honra... Em segundo lugar: que não se surpreendesse com os meus modos e por estar no portão, “sou uma pessoa franca e analisei as circunstâncias do caso”. E não estava mentindo ao dizer que sou franco. Enfim, pouco importa.

Falei não apenas de modo conveniente, isto é, mostrando que sou uma pessoa bem-educada, mas também original, e isso é o mais importante. O que foi, por acaso há algum pecado em reconhecer isso? Eu quero julgar a mim mesmo e estou julgando. Eu devo falar pró e contra, e estou falando. Mesmo depois eu me lembrava disso com deleite, ainda que isso seja estúpido: anunciei então diretamente, sem qualquer embaraço, que, em primeiro lugar, não sou lá muito talentoso, nem muito inteligente, talvez nem mesmo muito bom, um egoísta bem barato (lembro-me dessa expressão, eu a compus na ida e fiquei satisfeito) e que sou muito – talvez muitíssimo –

desagradável também em outros aspectos. Tudo isso foi dito com um orgulho especial – não é nenhuma novidade o jeito como se costuma dizer essas coisas. Naturalmente, tive tanto gosto que, ao declarar nobremente os meus defeitos, não me precipitei a anunciar as qualidades: “Mas em troca disso tenho isso, aquilo e aquilo mais”. Eu percebia que até aí ela ainda estava morrendo de medo, mas não atenuei nada, além do mais, ao ver que estava com medo, reforcei de propósito: disse claramente que bem alimentada ela seria, mas quanto a vestidos, teatros, bailes –

não haveria nada disso, a não ser mais tarde, quando tivesse alcançado meus objetivos. Esse tom severo, decididamente, entusiasmava-me. Acrescentei, e de passagem, na medida do possível, que, se escolhi tal ocupação, isto é, se mantenho este estabelecimento, é tão-somente porque tenho um único objetivo, existe, digo, uma certa circunstância... Mas é que eu tinha o direito de falar assim: de fato tinha esse objetivo e essa circunstância existe. Esperem, senhores, a vida inteira eu fui o primeiro a odiar essa caixa de penhores, pois, no findo, ainda que seja ridículo falar consigo mesmo por meio de frases enigmáticas, eu “me vingava mesmo da sociedade”, de fato, de fato, de fato! Desse modo, o chiste que fez de manhã a propósito de “estar me vingando” tinha sido injusto. Isto é, vejam bem, se eu tivesse dito diretamente com as palavras “sim, estou me vingando da sociedade”, ela teria caído na gargalhada, como ainda pela manhã, e realmente teria parecido ridículo. Enquanto que, com uma alusão indireta, soltando uma frase enigmática, vi que era possível cativar a sua imaginação. E além do mais eu já não receava nada: pois sabia que o vendeiro gordo, em todo caso, era mais abjeto do que eu, e que eu, de pé junto ao portão, aparecia como um libertador. Isso eu compreendia bem, Oh, as coisas vis um homem

compreende bem demais. Mas seriam vis? Como é que se pode julgar um homem por isso? Por acaso naquele momento mesmo eu já não a amava?

Esperem: é claro que na hora eu não lhe disse uma só palavra sobre o favor que eu lhe fazia; ao contrário, bem ao contrário: “Eu é que serei o beneficiado, não a senhorita”. De modo que cheguei a expressar isso com palavras, não me contive e talvez tenha soado ridículo, porque notei uma ligeira ruga em seu rosto. Mas no geral havia decididamente vencido. Esperem, se é para recordar toda essa sujeira, então recordarei até a última porcaria. Eu estava ali parado, mas em minha cabeça remoia: você é alto, bem-apessoado, educado e, afinal de contas, falando sem fanfarronice, você em si não é mau. Era o que me passava pela mente. É claro que ali mesmo no portão ela me disse “sim”. Mas... mas eu devo acrescentar: ali mesmo no portão ela ficou um bom tempo pensando antes de dizer “sim”. Refletiu tanto, mas tanto, que eu já estava para perguntar “E então?”, e não me contive mesmo, com que elegância perguntei “Pois então, minha senhorita?”, com o “minha senhorita” e tudo.

– Espere, estou pensando.

E a carinha dela estava tão, mas tão séria, que na hora mesmo eu já podia ter lido tudo!

Em vez disso, me senti ofendido: “Será que ela está escolhendo entre mim e o vendeiro?”. Oh, naquele momento eu ainda não compreendia! Eu ainda não compreendia nada, nada, então! Até hoje não tinha compreendido! Lembro-me de que Lukéria saiu correndo atrás de mim quando eu já estava indo embora, deteve-me no caminho e disse às pressas: “Deus lhe pague, senhor, por levar a nossa querida senhorita, só não lhe diga isso, que ela é orgulhosa”.

Orgulhosa, então! Quanto a mim, digo, gosto das orgulhosinhas. As orgulhosas são particularmente boas quando... Bem, quando já não se duvida do próprio poder sobre elas, não é?

Oh, que sujeito inconveniente, infame! Oh, como eu estava satisfeito! Sabem, na hora em que ela estava no portão da casa pensando para me dizer o “sim” e eu estranhei, sabem, ela até podia ter tido um pensamento assim: “Desgraça por desgraça, não seria melhor escolher logo o pior, isto é, o vendeiro gordo? Que importa se, caindo de bêbado, me mate o quanto antes?”. Hein? O que acham? Podia ter tido tal pensamento?

E ainda hoje não compreendo, e ainda hoje não compreendo nada! Acabo de dizer que ela podia ter tido tal pensamento: que das duas desgraças podia escolher a pior, isto é, o vendeiro? E quem, então, havia de ser o pior para ela? Eu ou o

vendeiro? O vendeiro ou o agiota que citava Goethe? É uma questão a resolver! Que questão? Nem isso você compreende: a resposta está sobre a mesa e você vem falar em “questão”! Pouco importa! Não se trata de mim absolutamente... E a propósito, o que me importa agora se se trata ou não de mim? Pois isso, assim, eu não posso decidir de jeito nenhum. Seria melhor deitar e dormir. Minha cabeça dói...

3. O mais nobre dos homens – mas nem eu acredito

Não consegui pegar no sono. E como é que poderia, se uma espécie de pulsação martela na minha cabeça? Gostaria de assimilar tudo isso, toda essa lama, Oh, que lama! Oh, de que lama eu a tirei então! Pois ela mesma devia compreender isso, apreciar o meu procedimento!

Agradavam-me também outros pensamentos, por exemplo, o de que eu tinha quarenta e um anos, enquanto ela acabava de completar dezesseis. Isso me fascinava, essa sensação de desigualdade, era muito doce, doce demais.

Eu, por exemplo, queria celebrar o casamento à l'anglaise, isto é, só nós dois, decididamente, sem contar as duas testemunhas, uma das quais Lukéria, e depois direto para um vagão, ainda que, por exemplo, para Moscou (a propósito, acontece que eu tinha mesmo um negócio por lá), para um hotel, por duas semanas. Ela se opôs, não admitiu, e me vi forçado a apresentar meus cumprimentos às tias, na qualidade de parentes das quais eu a estava tirando.

Cedi, e prestou-se às tias o que lhes era devido. Cheguei até a presentear as tais com cem rublos e prometi mais; a ela, evidentemente, nada disso foi dito, para que a situação aviltante não lhe causasse desgosto. As tias ficaram uma seda no mesmo instante. Houve disputa também sobre o enxoval: ela não tinha nada, literalmente, quase nada, mas também nada queria. Entretanto, consegui demonstrar-lhe que sem absolutamente nada era inadmissível, e lá fui eu fazer o enxoval, mesmo porque quem então faria alguma coisa por ela? Bem, pouco importa. Nesse meio tempo, apesar de tudo, consegui então transmitir-lhe várias das minhas idéias, pelo menos para que as conhecesse. Talvez tenha até me apressado. O importante é que ela, já bem de início, por mais que tentasse se conter, atirava-se para cima de mim com amor, quando eu chegava ao anoitecer vinha ao meu encontro com arroubos, contava balbuciando (o balbuciar encantador da inocência!) toda a sua infância, a primeira infância, a casa paterna, o pai e a mãe. Mas eu arrefecia todo esse enlevo, no mesmo instante, com um balde de água fria. Aí está, justamente, no que consistia a minha idéia. Aos arroubos eu respondia com o silêncio, benévolo, é claro... Mas ela rapidamente percebeu tudo, que éramos diferentes e que eu era um enigma. E

eu, o que é pior, até me deixei levar pelo enigma! Pois foi para que ela o adivinhasse que acabei por fazer a besteira toda! Em primeiro lugar, a severidade – foi com severidade que a levei para a minha casa.

Resumindo, mesmo estando satisfeito, concebi então todo um sistema. Ora, ele foi tomando forma por si mesmo, sem qualquer esforço. Mesmo porque não podia ser de outro modo, eu precisava criar esse sistema movido por uma circunstância incontestável – de que vale caluniar a mim mesmo! Havia realmente um plano. O sistema era verdadeiro. Não, ouçam, já que é para julgar um homem, então que o julguem com conhecimento de causa... Ouçam.

Como começar é que são elas. Quando você começa a se justificar é que são elas. Então reparem: a juventude, por exemplo, despreza o dinheiro, e eu já de cara fiz finca-pé no dinheiro; aferrei-me ao dinheiro. Fiz tamanho finca-pé que ela começou a ficar mais e mais calada.

Arregalava os olhos, ouvia, olhava e emudecia. Reparem: a juventude é magnânima, isto é, a juventude sadia é magnânima e impetuosa, mas não é muito tolerante, por pouco que seja – lá vem o desdém. Mas eu queria generosidade, queria inculcar-lhe a generosidade diretamente no coração, inculcá-la com nobres intenções, por acaso não era assim? Vou tomar um exemplo banal: como é que eu podia, por exemplo, explicar minha caixa de penhores a alguém como ela?

Naturalmente, não entrei direto no assunto, do contrário ia parecer que estava me desculpando pela caixa de penhores, mas, por assim dizer, recorri ao orgulho, falava-lhe como que em silêncio.

Sou mestre na arte de falar em silêncio, passei minha vida toda conversando em silêncio e em silêncio acabei vivendo tragédias inteiras comigo mesmo. Oh, pois eu também era infeliz! Fui desprezado por todos, desprezado e esquecido, e ninguém, absolutamente ninguém sabe disso! E

depois, de repente, vem essa garota de dezesseis anos, ouve de gente infame detalhes sobre a minha vida e pensa que sabe tudo, enquanto o que é secreto continua encerrado no peito deste homem! Eu me calava o tempo todo, e principalmente, principalmente com ela eu me calava, até ontem mesmo. Por que me calava? Mas que homem orgulhoso! Queria que ela ficasse sabendo por si, sem mim, mas também não pela boca de canalhas, queria que ela própria adivinhasse quem é este homem e o compreendesse. Ao acolhê-la em minha casa, queria conquistar toda a sua estima. Queria que se pusesse de joelhos diante de mim pelos meus sofrimentos – e eu bem que merecia isso, Oh, eu sempre fui

orgulhoso, eu sempre quis tudo ou nada! Era por isso justamente que eu não queria uma felicidade pela metade, mas por inteiro – e foi precisamente por isso que me vi forçado então a agir assim: “Adivinhe por si mesma e avalie!”. Pois vocês concordam que, se fosse eu a chegar e lhe sugerir, adular e implorar estima, seria o mesmo que mendigar. Mas aliás... Aliás, por que é que eu tenho que falar disso!

É estúpido, estúpido, mil vezes estúpido! Eu lhe expliquei então, em duas palavras, sem rodeios e sem piedade (e saliento que foi sem piedade), que a magnanimidade da juventude é fascinante, mas não vale um vintém. Por que não vale? Porque lhe sai de graça, não provém do fato de ter vivido, tudo isso, por assim dizer, são “as primeiras impressões da vida” 5, pois bem, 5 O narrador cita de memória um verso de *O demônio*, de Puchkin. No poema de 1823, lê-se: “Naqueles dias, em que me eram novas/Todas as impressões da vida...”. (N. T.)

quero ver você pegar no pesado! Uma magnanimidade barata é sempre muito fácil, ainda que custe a própria vida – também ela sai de graça, porque não passa de “sangue que ferve nas veias”

de “excesso de energias” 6, de sede de beleza! Não, vamos, pegue um ato magnânimo, um ato difícil, sem estardalhaço, sem ressonância, sem brilho, acompanhado de uma calúnia, no qual haja muito sacrifício e nem um pingão de glória, em que o senhor, pessoa em pleno esplendor, é exposto diante de todos como um canalha, quando é a pessoa mais honrada na face da terra –

então vamos, tente esse ato! Não, meu senhor, o senhor recusaria! Quanto a mim, não tenho feito outra coisa na vida toda a não ser carregar esse ato. No início ela discutia – e como! – mas depois começou a se calar, até demais, só arregalava os olhos, ouvindo, uns olhos grandes, muito grandes, atentos. E... E além do mais, de repente, comecei a reparar num sorriso desconfiado, silencioso, nada bom. E foi com esse sorriso que eu a fiz entrar em minha casa. É verdade também que ela já não tinha para onde ir...

4. Planos e mais planos

Quem foi o primeiro a começar?

Ninguém. A coisa tinha começado por si mesma desde o primeiro passo. Eu disse que a havia introduzido em minha casa com severidade, mas eu amoleci desde o primeiro passo.

Quando ainda éramos noivos, expliquei-lhe que se incumbiria de receber os penhores e entregar o dinheiro, e olhe que na época ela não disse nada, notem bem. Mais ainda, dedicou-se ao negócio até mesmo com afinco. É claro que o apartamento, a mobília, tudo permaneceu como era antes. O apartamento é de duas peças: uma sala grande, onde ficam a divisória e a caixa, e outra também grande, é o nosso aposento privado, incluindo aí o quarto. A mobília de casa é modesta; até a das tias era melhor. O nicho com a lamparina fica na sala, onde funciona a caixa; no quarto tenho o meu armário, com alguns livros, e um baú, cujas chaves guardo comigo; e, claro, a cama, mesas, cadeiras. Quando ainda éramos noivos, dissera-lhe que para o nosso sustento, isto é, para a alimentação, minha, dela e de Lukéria, que eu tinha convencido a vir junto, estabelecia um rublo por dia e nada mais: “Preciso de trinta mil em três anos, e não há outro modo de se arranjar dinheiro”. Ela não fez objeções, mas eu mesmo acrescentei trinta copeques ao nosso sustento. A mesma coisa com o teatro. Eu tinha dito à minha noiva que não haveria teatro e, no entanto, acabei admitindo que houvesse uma vez por mês, e num lugar decente, nas poltronas. Íamos juntos, fomos três vezes, assistimos Em busca da felicidade e Aves canoras, acho eu.

Oh, pouco importa, pouco importa! Íamos calados e voltávamos calados. Por que, por que demos para ficar calados bem desde o começo? Pois no início não havia brigas, mas reinava o silêncio. Lembro-me de que ela, então, ficava lançando olhares dissimulados para mim; eu, assim que percebi, intensifiquei o silêncio. É verdade, fui eu a fincar pé no silêncio, e não ela. Da parte dela, houve arroubos uma ou duas vezes, atirava-se nos meus braços; mas visto serem arroubos doentios, histéricos, quando o que eu precisava era de uma felicidade sólida, e que ela me respeitasse, então acolhi-os com frieza. Além do mais, eu tinha razão: toda vez, depois dos arroubos, havia brigas no dia seguinte.

Isto é, brigas não houve, mas houve, de novo, o silêncio e um ar mais e mais insolente da parte dela. Revolta e insubordinação, foi isso o que houve, só ela não sabia. Sim, esse rosto dócil ia se tornando mais e mais insolente. Acreditem, eu estava me tornando uma pessoa insuportável para ela, e isso eu percebi bem. Quanto ao fato de ela ficar fora de si com os arroubos, disso não havia dúvida.

Então, como é que podia, por exemplo, tendo saído de semelhante lama e miséria, depois de ter chegado até a lavar o chão, como é que podia começar a torcer o nariz para a nossa pobreza? Vejam os senhores: não se tratava de pobreza, mas de economia, porém no que é necessário havia luxo, sim, na roupa branca, por exemplo, no asseio. Eu vivia fantasiando, e mesmo antes, que o asseio do marido cativa a mulher. Pensando bem, ela não torcia o nariz para 6 Do poema *Não acredite em si, jovem sonhador*, de Liér Montov. No original, lê-se: “Ora é o sangue que ferve nas veias, ora é o excesso de energias!” (N. T.) a pobreza, mas para essa minha mesquinhez na economia: “Objetivos ele tem, está demonstrando firmeza de caráter”. Ao teatro ela mesma renunciou de repente. E a ruga nos lábios ia se tornando sempre mais e mais zombeteira... Ao passo que eu ia redobrando o silêncio, redobrando o silêncio.

Não devia então me justificar? O pior nisso tudo era essa caixa de penhores. Permitam-me, senhores: eu sabia que uma mulher, e ainda mais de dezesseis anos, não pode fazer outra coisa a não ser submeter-se completamente a um homem. Não há originalidade nas mulheres, ou seja, isso é um axioma, e mesmo agora, e ainda hoje, ainda hoje isso é para mim um axioma! O

que é então que jaz lá na sala: a verdade, é a verdade, neste caso o próprio Mill? não poderia fazer nada! Uma mulher que ama, ora, uma mulher que ama endeusa até mesmo os vícios, até mesmo os crimes do ser amado. Ela sequer chegaria a sentir o cheiro dos seus crimes, de tantas justificativas que encontraria para ele. Isso é magnânimo, mas não é original. A perdição das mulheres é unicamente a falta de originalidade. O que há, repito, o que os senhores estão me apontando lá em cima da mesa? E por acaso é original o que está em cima da mesa? Ora, bolas!

Vejam bem: do amor dela eu me sentia seguro, então. Pois já naquele tempo se atirava ao meu pescoço. Amava, ou seja, mais exatamente, desejava amar. Sim, pois que fosse isso: desejava amar, tentava amar. E o pior é que nesse caso não houve nenhum crime de qualquer espécie para que se visse obrigada a sair em busca de justificativas. Os senhores dizem: “é um agiota”, todo mundo diz. E o que tem um agiota? Quero dizer que existiam mesmo motivos para que a mais magnânima das pessoas se tornasse um agiota. Vejam, meus senhores, há idéias... Isto é, vejam, pronunciar, dizer com palavras certa idéia pareceria terrivelmente estúpido. Pareceria vergonhoso por si mesmo. E por quê? Por nada. Porque não passamos todos de um rebotalho e não suportamos a verdade, ou eu não sei? Agora mesmo eu disse “a mais magnânima das pessoas”.

Isso é ridículo, e entretanto, que fosse isso. Pois é a verdade, isto é, a verdade

mais verdadeira!

Sim, eu tinha o direito, então, de querer assegurar a minha subsistência e abrir este estabelecimento: Os senhores me repudiaram, os senhores, isto é, os homens, enxotaram-me com um silêncio desdenhoso. Ao meu impulso apaixonado para com vossas senhorias, responderam-me com uma ofensa para a vida inteira. Agora, pois bem, estava no meu direito proteger-me com um muro, juntar esses trinta mil rublos e passar o resto da vida em algum lugar da Criméia, na costa sul, nas montanhas e nos vinhedos, numa propriedade minha, e o principal, longe de todos os senhores, mas sem guardar-lhes rancor, com um ideal na alma, com a mulher amada no coração, com minha família, se Deus permitir – e ajudando os vizinhos dos arredores.

Naturalmente, ainda bem que estou dizendo isso só agora, para mim mesmo, do contrário, não teria parecido uma rematada tolice se, na época, eu tivesse despejado tudo isso em voz alta para ela? Aí está o porquê do orgulhoso silêncio, aí está o porquê de termos ficado calados. Pois sim, teria ela compreendido? Justamente aos dezesseis anos, justamente na primeira juventude – e o que poderia ela compreender das minhas razões, dos meus sofrimentos? Entram aí a retidão, a ignorância da vida, as convicções gratuitas da juventude, a cegueira profunda “das belas almas”, mas o pior nisso tudo é a caixa de penhores, e basta, por acaso eu era algum canalha por conta da caixa de penhores, por acaso ela não via minha maneira de proceder, se eu cobrava a mais?! Oh, como é terrível a verdade na terra! Essa pérola, essa criatura dócil, essa criatura celestial era uma tirana, a insuportável tirana da minha alma, meu algoz! Pois eu estaria caluniando a mim mesmo se não o dissesse! Os senhores acham que eu não a amava? Quem pode dizer que eu não a amava? Vejam, há uma ironia nisso, uma perversa ironia do destino e da natureza! Nós somos malditos, a vida dos homens em geral é maldita! A minha, em particular! Pois agora compreendo que devo ter cometido algum erro! Alguma coisa aí não saiu como devia. Estava tudo claro, meu plano era claro como o dia: “É um ser duro, orgulhoso e não precisa do conforto moral de ninguém, sofre em silêncio”. Que fosse isso, eu não estava mentindo, não estava! “Ela mesma verá mais tarde que foi por um sentimento nobre, que ela só não soube perceber, e um dia, assim 7 John Stuart Mill, economista inglês, autor de *A submissão da mulher*. (N. T.) que o adivinhar; então vai saber dar dez vezes mais valor e estará reduzida a pó, as mãos postas em súplica.” Aí está o plano. Mas nisso devo ter me esquecido ou perdido de vista alguma coisa.

Algo que eu não soube fazer. Mas basta, basta. E para quem vou pedir perdão agora? Está acabado, está acabado e pronto. Coragem, homem, seja orgulhoso! Não é você o culpado!

Pois bem, eu direi a verdade, não tenho medo de me ver cara a cara com a verdade: ela é a culpada, a culpada é ela!

5 A criatura dócil se rebela

As rugas começaram quando de repente ela inventou de oferecer o dinheiro a seu bel-prazer, de avaliar os objetos por uma quantia superior, e até, duas vezes, achou-se no direito de discutir comigo sobre esse tema. Eu não concordei. Mas aí apareceu a tal viúva do capitão.

A velha viúva veio com um medalhão, presente do falecido. Bem, era evidente que se tratava de uma lembrança. Ofereci trinta rublos. Começou a se queixar num tom lamuriento, a pedir que guardássemos o objeto – é claro que guardamos. Bem, resumidamente, de repente, cinco dias mais tarde, vem trocá-lo por um bracelete que não valia nem oito rublos; é evidente que eu me recusei. Pode ser que já nessa ocasião ela tenha adivinhado alguma coisa nos olhos da minha mulher, e foi só aparecer quando eu não estava que esta trocou-lhe o medalhão.

Ao me inteirar disso naquele mesmo dia, pus-me a falar docilmente, mas com firmeza e sensatez. Ela estava sentada na cama, olhava para o chão, batendo com a ponta do pé direito no tapetinho (um costume que tinha); havia um sorriso sarcástico em seus lábios. Sem levantar absolutamente a voz, com toda a calma, declarei-lhe então que o dinheiro era meu, que eu tinha o direito de ver a vida a meu modo e que, ao convidá-la para viver em minha casa, não lhe tinha ocultado coisa nenhuma.

De repente levantou-se de um salto, de repente pôs-se a tremer todinha e, pasmem os senhores, de repente começou a espernear na minha frente; parecia um bicho, parecia um ataque, parecia um bicho pronto para o ataque. Fiquei boquiaberto de assombro: jamais esperaria um desatino assim. Mas não me desconcertei, sequer esbocei um gesto e, com a mesma voz tranqüila de antes, declarei sem rodeios que dali em diante dispensaria sua participação em meus negócios.

Ela riu na minha cara e saiu de casa.

Acontece que ela não tinha o direito de sair de casa. Sem mim, ela não podia ir a lugar nenhum, tinha sido esse o nosso trato ainda quando éramos noivos. Ela voltou ao anoitecer, eu não abri a boca.

No dia seguinte, tornou a sair logo de manhã, e no outro dia a mesma coisa. Fechei o estabelecimento e dirigi-me à casa das tias. Havia rompido com elas

desde o casamento – nem elas vinham à minha casa nem eu ia à delas. De modo que agora ela não estava lá. Ouviram-me com curiosidade e zombaram de mim na minha cara: “Bem feito para o senhor”, disseram. Mas eu já esperava pouco caso da parte delas. Então, por cem rublos, subornei a tia mais nova, a solteirona, e ofereci vinte e cinco adiantados. Dois dias depois ela veio me procurar: “Dizem que nisso tem um oficial envolvido, o Iefimovitch, um tenente, um antigo companheiro seu de regimento”. Foi grande o meu espanto. Esse Iefimovitch, não obstante todo o mal que me havia causado no regimento, havia coisa de um mês tivera o descaramento de passar duas vezes pela caixa a pretexto de penhorar algo e, lembro-me bem, andara então de risadinhas com a minha mulher. Eu, então, disse-lhe no ato que não se atrevesse mais a pôr os pés no meu estabelecimento, à lembrança de nossas relações; mas tal pensamento nem me passava pela cabeça, pensei tratar-se de um descarado, pura e simplesmente. E agora, de repente, vinha a tia comunicar-me que ela já estava de encontro marcado com ele e que quem estava arranjando o negócio todo era uma antiga conhecida das tias, Júlia Samsónovna, uma viúva, e ainda por cima de um coronel – “é justamente à casa dela que sua esposa tem ido atualmente”.

Vou encurtar essa passagem. O caso todo me custou cerca de trezentos rublos, mas providenciaram para que, dali a quarenta e oito horas, eu pudesse ficar no quarto vizinho e ouvir atrás de uma porta encostada o primeiro rendez-vous que minha mulher teria a sós com Iefimovitch. Na véspera, enquanto esperava, aconteceu entre nós uma breve cena, mas extremamente significativa para mim.

Ela voltou pouco antes do anoitecer, sentou-se na cama, olhou para mim com um ar de troça, batendo o pezinho no tapete. De repente, ao olhar para ela, veio-me então à cabeça a idéia de que durante todo aquele último mês ou, melhor dizendo, durante as duas últimas semanas, o seu caráter já não parecia mais absolutamente o mesmo, pode-se dizer até que andava virado do avesso: dera lugar a uma criatura impetuosa, agressiva, não vou dizer descarada, mas desvairada, que estava atrás de confusão. Que dava tudo por uma confusão. Sua docilidade, entretanto, constituía um empecilho. Quando uma criatura dessas dá de se rebelar, então, por mais que ultrapasse os limites, é sempre evidente que ela está forçando a si mesma a fazer isso, deixando-se levar, e que para ela, mais do que para qualquer um, é impossível vencer a própria virtude e o pudor. Aí é que está o porquê de certas mulheres às vezes se excederem a tal ponto que você chega a não acreditar no que a própria mente constata. A pessoa Já acostumada à perversão, ao contrário, irá sem premoderar, procederá da maneira mais abjeta, mas com uma aparência de ordena e de decoro, cuja pretensão é a de levar vantagem sobre os senhores.

– Então é verdade que o expulsaram do regimento porque teve medo de se bater

em duelo? – perguntou ela, de repente, à queima-roupa, e seus olhos começaram a brilhar.

– É verdade. Solicitaram-me por uma decisão dos oficiais, que me retirasse do regimento, ainda que eu mesmo, aliás, já antes disso, tivesse perdido baixa.

– Eles o expulsaram por covardia?

– Sim, eles me declararam covarde. Porém não foi por covardia que me recusei a bater-me em duelo, mas por não querer submeter-me ao seu veredicto tirânico e causar um duelo quando eu mesmo não me considerava ofendido. Fique sabendo – aí eu me segurei –, insurgir-se com atos contra uma tal tirania e arcar com todas as conseqüências significa mostrar muito mais coragem do que bater-se em qualquer duelo que seja.

Não me contive, com esta frase era como se eu buscasse me justificar; quanto a ela, era só disso que precisava, dessa minha nova humilhação. Desatou num riso perverso.

– E é verdade que depois o senhor passou três anos vadiando pelas ruas de Petersburgo, não só mendigando moedas de dez copeques como passando a noite debaixo de mesas de bilhar?

– Também na Siénnaia, na casa Viázemski8, eu passava a noite. Sim, é verdade; houve muita vergonha e degradação em minha vida depois disso, depois do regimento, mas não degradação moral, porque mesmo então eu próprio odiava mais do que qualquer um o meu modo de agir. Isso foi somente uma degradação da minha força de vontade e do meu espírito e foi provocada apenas pelo desespero da minha situação. Mas passou...

– Oh, agora o senhor é um figurão, um financista!

Ou seja, isso era uma indireta à caixa de penhores. Mas eu já tinha conseguido me controlar. Eu percebia que ela ansiava por explicações que fossem humilhantes para mim e não dei nenhuma. Um freguês tocou a campainha muito oportunamente e eu saí para recebê-lo na sala. Mais tarde, passada já uma hora, quando, de repente, ela se vestiu para sair, plantou-se diante de mim e disse:

– O senhor, no entanto, não me disse nada sobre isso antes do casamento, não foi?

Eu não respondi e ela saiu.

Pois bem, no dia seguinte postei-me naquele quarto para ouvir atrás da porta

como se decidia o meu destino, e no bolso trazia um revólver. Ela estava bem vestida, sentada à mesa, enquanto Iefimovitch derretia-se todo à sua frente. E foi assim: aconteceu – digo isso pela minha honra –, aconteceu exatamente o que eu pressentia e pressupunha, embora nem tivesse consciência de que pressentia e pressupunha uma coisa dessas. Não sei se estou me fazendo entender.

8 Uma espécie de cortiço – cf. as observações ao final desta edição. (N. T.) Eis o que aconteceu. Passei uma hora inteira ouvindo, uma hora inteira assistindo ao duelo entre a mais nobre e sublime das mulheres e uma criatura mundana, debochada, obtusa, com alma de réptil. E como, pensava eu, assombrado, como é que essa criatura ingênua, essa criatura dócil, de pouca conversa, sabe tudo isso? Nem o mais espirituoso autor de comédias da alta roda teria sido capaz de criar uma tal cena de troça, de risada das mais ingênuas e de desprezo sagrado da virtude para com o vício. E quanto brilho havia em suas palavras e até nas menores palavrinhas; quanta finura nas respostas prontas, quanta verdade em sua reprovação! E ao mesmo tempo uma ingenuidade quase virginal. Caçoava-lhe na cara de suas declarações de amor, dos seus gestos, das suas propostas. Tinha chegado pronto para um ataque brusco e sem pressupor resistências, ele de repente parecia aniquilado. No início eu podia ter pensado tratar-se de mero coquetismo da parte dela – “coquetismo de uma criatura espiritualosa, apesar de libertina, para se dar mais valor”. Mas não, a verdade resplandeceu como o Sol, não havia lugar para dúvidas. Foi só por ódio, um ódio afetado e impetuoso por mim, que ela, inexperiente, pôde atrever-se a tramar esse encontro, mas, assim que se deparou com a situação, então seus olhos se abriram no mesmo instante. Simplesmente seu ser ansiava por me ofender a qualquer custo, mas, ao se decidir por tal infâmia, não suportara a desordem. E será que ela, tão inocente e pura, detentora de um ideal, podia se deixar seduzir por um Iefimovitch ou por qualquer um desses canalhas das altas rodas? Pelo contrário, ele suscitava apenas o riso dela. A verdade toda cresceu-lhe na alma, e a indignação despertou o sarcasmo em seu coração. Repito, o tal bufão ficou por fim completamente aniquilado, e sentou-se macambúzio, mal respondendo, tanto que comecei até a rir que ele, movido por um baixo sentimento de vingança, tentasse insultá-la. E torno a repetir: palavra de honra, ouvi a cena toda até o fim quase sem me surpreender. Foi como se tivesse me deparado com algo conhecido. Foi como se tivesse saído para encontrá-lo. Saí sem acreditar em nada, em nenhuma acusação, ainda que tivesse colocado o revólver no bolso – essa é a verdade! E podia eu tê-la imaginado diferente? Por que então a amava, por que a apreciava e por que tinha me casado com ela? Ora, é claro que eu estava bem convencido então do quanto ela me odiava, mas estava convencido também do quanto era pura. Pus fim à cena abrindo repentinamente a porta. Iefimovitch levantou-se de um salto, peguei-a pela mão e convidei-a a sair comigo. Iefimovitch aproveitou a

deixa e de repente irrompeu bruscamente numa gargalhada sonora e estrondosa:

– Oh, não tenho nada a objetar quanto aos direitos do sagrado matrimônio, pode levá-la, pode levá-la! E quer saber de uma coisa – gritou atrás de mim –, embora uma pessoa honrada não possa se bater com o senhor, ainda assim, em respeito à sua senhora, estou às ordens... Se é que o senhor concorda em se arriscar, naturalmente...

– Está ouvindo?! – detive-a por um átimo à soleira da porta. Em seguida, fizemos todo o trajeto até em casa sem pronunciar palavra. Eu a conduzia pela mão e ela não opunha resistência.

Ao contrário, estava terrivelmente impressionada, mas só durante o caminho. Ao chegarmos em casa, sentou-se numa cadeira, cravando os olhos em mim. Estava extremamente pálida; ainda que seus lábios tivessem se armado imediatamente para uma troça, já me olhava com um ar solene e grave de desafio, e acho que nos primeiros instantes estava seriamente convencida de que eu ia matá-la com o revólver. Porém, sem dizer nada, tirei o revólver do bolso e coloquei-o sobre a mesa. Ela olhava para mim e para o revólver. Notem: esse revólver já lhe era familiar. Eu o guardava em casa e carregado desde que abrisse a caixa. Ao abri-la, optei por não manter nem cachorros enormes nem criados fortes, como, por exemplo, faz o Mozer. Em minha casa é a cozinheira a abrir a porta para os fregueses. Para nós que nos dedicamos a esse ofício, é impossível descuidar, por via das dúvidas, da segurança, e eu mantinha um revólver carregado.

Nos primeiros dias, assim que entrou em minha casa, ela se interessou muito por esse revólver, ficava indagando, e eu lhe expliquei até o mecanismo e o sistema, sendo que uma vez cheguei a convencê-la a atirar num alvo. Notem tudo isso. Sem dar atenção ao seu olhar assustado, deitei-me na cama, seminu. Estava esgotado; já era perto de onze horas. Ela ainda permaneceu sentada no mesmo lugar sem se mover, por cerca de uma hora, depois apagou a luz e foi se deitar, vestida como estava, no sofá encostado à parede. Pela primeira vez não se deitava comigo, queiram notar isso também...

6. Uma recordação terrível

Agora uma recordação terrível...

Acordei de manhã, creio que às oito horas, e o quarto já estava quase completamente claro. Acordei de vez, plenamente consciente, e de súbito abri os olhos. Ela se encontrava de pé junto à mesa, segurando o revólver nas mãos. Nem notou que eu tinha acordado e estava olhando. E, de repente, percebo que ela começa a avançar em minha direção, empunhando o revólver. Mais do que

depressa fecho os olhos e finjo dormir profundamente.

Ela se aproximou da cama e curvou-se sobre mim. Eu ouvi tudo; embora reinasse um silêncio mortal, eu ouvi esse silêncio. Nisso aconteceu um movimento convulsivo, que não pude evitar, e de repente, sem querer, abri os olhos. Ela estava com os olhos cravados em mim, nos meus olhos, e o revólver já estava encostado em minha têmpora. Nossos olhos se encontraram.

Mas olhamos um para o outro não mais que um instante. Tornei a fechar os olhos a custo e decidi no mesmo instante, com toda a força da minha alma, que já não me mexeria e nem abriria mais os olhos, fosse o que fosse que me esperava.

De fato, pode acontecer de uma pessoa que está dormindo profundamente abrir de repente os olhos, até mesmo soerguer por um segundo a cabeça, lançar um olhar para o quarto e, depois, no instante seguinte, já inconsciente, pousar outra vez a cabeça no travesseiro e adormecer sem se lembrar de nada. Quando, ao dar de encontro com o seu olhar, sentindo o revólver em minha têmpora, subitamente tornei a fechar os olhos sem me mexer, como quem dorme profundamente, ela podia muito bem supor que eu estivesse dormindo e que não estava vendo nada – por mais que fosse absolutamente inacreditável que, tendo visto o que vi, eu fechasse outra vez os olhos num tal instante.

Sim, é inacreditável. Ela podia perfeitamente ter adivinhado a verdade – foi justamente isso o que me passou pela cabeça, de repente, tudo num mesmo instante. Oh, que turbilhão de pensamentos e de sensações passava em menos de um segundo, relampejando em minha mente, e viva a eletricidade do pensamento humano! Nesse caso (era o que eu sentia), se tinha adivinhado a verdade e sabia que eu não estava dormindo, a essa altura eu já a teria esmagado com a minha prontidão em aceitar a morte e sua mão agora podia tremer. Sua determinação de antes podia ter se esborado de encontro a uma nova e extraordinária impressão. Dizem que aqueles que se encontram no alto sentem-se involuntariamente atraídos para baixo, para o abismo. Acho que muitos suicídios e homicídios são cometidos somente porque o revólver já foi empunhado. Aqui também há um abismo, um declive de quarenta e cinco graus, no qual é impossível não deslizar, e algo impele irresistivelmente a pessoa a apertar o gatilho. Mas a consciência de que eu estava vendo tudo, sabia de tudo e esperava em silêncio morrer por suas mãos – isso podia detê-la no declive.

O silêncio prolongava-se, e de repente senti junto à minha têmpora, aos meus cabelos, o contato frio do ferro. Os senhores perguntam: tinha eu realmente esperanças de me salvar? Eu lhes respondo, como se estivesse diante de Deus: não tinha nenhuma esperança, a não ser talvez por uma chance em mil. Por que

então aceitava a morte? E eu pergunto: de que me serviria a vida depois de ter um revólver empunhado contra mim por uma criatura que eu adorava? Além do mais, eu sabia, com todas as forças do meu ser, que naquele mesmo instante travava-se uma luta entre nós, um duelo terrível de vida ou morte, o duelo do mesmo covarde de outrora, expulso pelos companheiros por sua covardia. Eu sabia disso, e ela também sabia, caso tenha adivinhado a verdade, isto é, que eu não estava dormindo.

Talvez não fosse nada disso, talvez eu nem tenha pensado em coisa nenhuma na hora, mas mesmo assim isso deve ter acontecido, independentemente do pensamento, porque depois eu não fiz outra coisa a não ser pensar nisso a cada minuto da minha vida.

Mas os senhores tornarão a perguntar: por que então não a salvou do crime? Ora, mil vezes me fiz essa pergunta mais tarde, cada vez que, com um frio na espinha, lembrava-me desse segundo. Mas então minha alma estava entregue ao mais sombrio desespero: eu estava perdido, eu próprio estava perdido, então a quem eu podia salvar? E o que sabem os senhores, será que então eu ainda queria salvar alguém? Quem é capaz de saber o que eu podia estar sentindo nesse momento?

Minha consciência, nesse meio tempo, entrava em ebulição; os segundos passavam, o silêncio era mortal; ela ficou o tempo todo de pé, curvada sobre mim – e de repente estremei de esperança! Abri rapidamente os olhos. Ela já não estava no quarto. Levantei-me da cama: eu tinha vencido, e ela tinha sido vencida para sempre!

Fui para perto do samovar. Em casa o samovar era trazido sempre para a primeira peça, e o chá era sempre servido por ela. Sentei-me à mesa em silêncio e aceitei a xícara de suas mãos.

Uns cinco minutos mais tarde deitei-lhe um olhar. Ela estava terrivelmente pálida, ainda mais pálida do que no dia anterior, e olhava para mim. E subitamente, ao ver que eu olhava para ela, deu um sorriso pálido, com os lábios descolorados, uma tímida interrogação nos olhos. “Pois bem, ainda está duvidando e não pára de se perguntar: ele sabe ou não sabe, viu ou não viu?” Desviei os olhos com um ar de indiferença. Depois do chá, fechei a caixa, fui ao mercado e comprei uma cama de ferro e um biombo. Na volta, mandei colocar a cama na sala e cercá-la com o biombo. A cama era para ela, mas eu não lhe disse uma palavra sequer. Mesmo assim ela entendeu, por meio dessa cama, que eu “tinha visto tudo e sabia de tudo” e que já não restava mais dúvida. Essa noite deixei o revólver, como sempre, em cima da mesa. Ela se deitou em silêncio em sua

nova cama: o casamento estava desfeito, “ela fora vencida, mas não perdoada”. Durante a noite veio o delírio e, pela manhã, a febre. Passou seis semanas de cama.

SEGUNDA PARTE

1. Um sonho de orgulho

Lukéria acabou de me dizer ainda agorinha que ficar morando aqui ela não vai e que, assim que enterrarem a patroa, irá embora. Rezei de joelhos durante cinco minutos, quando o que pretendia era rezar por uma hora, mas só faço pensar, pensar o tempo todo, e só pensamentos doentios, pois minha cabeça está doente – de que adianta rezar assim, é até pecado! É estranho também que eu não tenha vontade de dormir: em casos de desgosto muito, muito grande, depois das primeiras explosões mais fortes sempre dá vontade de dormir. Os condenados à morte, dizem que eles dormem profundamente na última noite. E é preciso que seja assim, faz parte da natureza, caso contrário suas forças não suportariam... Deitei no sofá, mas não consegui conciliar o sono...

Durante as seis semanas que passou enferma, cuidamos dela dia e noite – eu, Lukéria e a auxiliar de enfermagem do hospital, que eu tinha contratado. Não poupei dinheiro, estava até disposto a gastar com ela. Quanto ao médico, chamei o doutor Schreder e paguei-lhe dez rublos por visita. Quando recobrou a consciência, espaciei as visitas. Mas, aliás, a troco de quê eu tenho que ficar falando disso? Quando ficou completamente restabelecida, então ia quieta e em silêncio sentar-se no meu quarto, a uma mesa especial que eu também havia comprado para ela nessa ocasião... Sim, é verdade, nós ficávamos completamente calados; isso é, começamos até a falar depois, mas só o de sempre. Eu, certamente, não me estendia de propósito, mas me dava conta muito bem de que ela também parecia sentir-se satisfeita por não ter que dizer palavras desnecessárias. Isso me pareceu muito natural da parte dela: “Está muito abalada e abatida demais”, pensava eu, “é evidente que é preciso dar-lhe tempo para esquecer e acostumar-se”. De modo que continuávamos em silêncio, mas bem lá no fundo, a cada minuto, eu me preparava para o futuro. Achava que ela estivesse fazendo o mesmo, e para mim era extremamente interessante tentar adivinhar: em que exatamente ela estará pensando neste momento, lá com os seus botões?

E digo mais: ora, é claro que ninguém faz idéia de quanto eu sofri, gemendo ao seu lado durante a doença. Mas eu gemia lá no fundo de mim, sufocando meus gemidos no peito, escondendo-os até de Lukéria. Eu não podia imaginar, não podia nem mesmo admitir, que ela pudesse morrer sem saber de nada. Quando ficou fora de perigo e começou a recobrar a saúde, lembro-me disso, tranquilizei-me muito e rapidamente. E mais ainda, decidi adiar nosso futuro pelo tempo que fosse possível, deixando, enquanto isso, tudo como estava. A propósito, aconteceu-me então uma coisa estranha e singular, não poderia chamar de outro modo: eu havia triunfado, e só a consciência disso me parecia perfeitamente

suficiente. E foi assim que se passou todo o inverno. Ora, eu nunca havia me sentido tão satisfeito, e isso durante um inverno inteiro.

Reparem: em minha vida houve uma terrível circunstância exterior que até este momento, isto é, até a própria catástrofe com a minha mulher, sufocava-me todos os dias e todas as horas, e que foi justamente a perda da minha reputação e a saída do regimento. Em duas palavras: tinha sido vítima de uma injustiça tirânica. É verdade que meus companheiros não gostavam de mim por causa do meu gênio difícil e, quem sabe, ridículo, se bem que muitas vezes aquilo que os senhores consideram sublime, profundo e que é digno de seu respeito pode ao mesmo tempo, por alguma razão, fazer rir um monte de camaradas seus. Ora, jamais gostaram de mim, nem mesmo na escola. Nunca fui estimado em lugar nenhum. Nem a Lukéria consegue me querer bem. Mesmo o caso do regimento, embora tenha acontecido em virtude da aversão que tinham por mim – não há dúvida de que teve um caráter casual. Menciono isso porque não há nada mais ofensivo e insuportável do que se perder por uma casualidade que podia ou não ter acontecido, por uma infeliz coincidência de circunstâncias que podia ter passado despercebida como as nuvens. Para um ser inteligente, é humilhante. Eis como se deu o caso.

No teatro, num intervalo, fui ao bufê. O hussardo A—v, entrando de repente, pôs-se a falar em voz alta com dois de seus hussardos, diante de todos os oficiais ali presentes e do público, que o capitão Bezúmtsev⁹, do nosso regimento, acabara de armar um escândalo no corredor “e parece estar bêbado”. A conversa não foi adiante; além do mais, houvera um engano, porque bêbado o capitão Bezúmtsev não estava nem o escândalo tinha sido, propriamente, um escândalo. Os hussardos passaram a falar de outras coisas e tudo ficou por isso mesmo, mas no dia seguinte a anedota chegou ao nosso regimento, e imediatamente começaram a dizer que o único de nós a estar presente no bufê tinha sido eu e que eu não havia me aproximado do hussardo A—v para repreendê-lo por ter se referido de modo insolente ao capitão Bezúmtsev. E

por que razão deveria? Se ele estava com o Bezúmtsev entalado na garganta, isso era um assunto lá entre eles, por que haveria eu de me meter? Nisso, os oficiais começaram a achar que não se tratava de um assunto pessoal, mas que dizia respeito também ao regimento, e como tinha sido eu o único dos oficiais do nosso regimento presente ali, ficou evidente a todos os oficiais e ao público que estava no bufê que o nosso regimento talvez não tivesse oficiais tão zelosos no que diz respeito à própria honra e à do regimento. Eu não podia concordar com um tal veredicto.

Fizeram-me saber que eu ainda podia reparar tudo se, mesmo então, embora já

fosse tarde, quisesse explicar-me formalmente com A—v. Isso eu não queria fazer e, por exasperação recusei-me com altivez. Em seguida, pedi baixa imediatamente – aí está toda a história. Sai de cabeça erguida, mas dilacerado no íntimo. Perdi o ânimo e a razão. Isso coincidiu com o fato de ter o marido de minha irmã dilapidado em Moscou nosso modesto patrimônio e inclusive a minha parte nele, uma parte ínfima – mas eu me vi na rua sem vintém. Podia ter conseguido um emprego civil, mas não quis: depois de envergar um brilhante uniforme, eu não podia ir para um cargo qualquer no sistema ferroviário. Pois bem, humilhação por humilhação, vergonha por vergonha, degradação por degradação, então quanto pior melhor, eis a minha escolha. Nisso foram três anos de sombrias recordações, incluindo a casa Viázemski. Um ano e meio antes tinha 9 Sobrenome formado a partir de “bezúnets”, insensato, louco. (N. T.) morrido em Moscou uma velha rica, minha madrinha, e inesperadamente, incluindo-me entre os herdeiros, havia me deixado em testamento três mil rublos. Pensei bem e na época mesmo decidi o meu destino. Decidi-me pela caixa de penhores, sem pedir autorização a ninguém: dinheiro, depois um canto e uma vida nova, longe das antigas recordações, era esse o plano. Contudo, o passado sombrio e a reputação para sempre manchada de minha honra afligiam-me o tempo todo, a cada minuto. Foi então que me casei. Por acaso ou não – não sei. Porém, ao trazê-la para a minha casa, pensava estar trazendo uma pessoa amiga, e eu sentia uma necessidade imensa de um amigo. Mas eu via claramente que mesmo a um amigo era necessário preparar, moldar e até conquistar. E podia eu por acaso explicar de supetão o que quer que fosse a essa jovem de dezesseis anos, cheia de preconceitos? Como é que eu podia, por exemplo, sem a ajuda casual da terrível catástrofe com o revólver, convencê-la de que não sou um covarde e de que no regimento havia sido injustamente acusado de covardia? Mas, a propósito, a catástrofe veio a calhar. Ao suportar o contato do revólver, eu tinha me vingado de todo o meu passado sombrio. E ainda que ninguém tenha ficado sabendo disso, ela ficou, e isso era tudo para mim, pois ela mesma era tudo para mim, toda a esperança do meu futuro, como em meus sonhos! Ela era a única pessoa que eu estava preparando para mim mesmo, e nem precisava de outra – e ela ficou sabendo de tudo; soube pelo menos que tinha se precipitado injustamente ao se juntar aos meus inimigos.

Esse pensamento me deixava encantado. Aos olhos dela eu já não podia ser um canalha; talvez, no máximo, uma pessoa esquisita, mas até esse pensamento, a essa altura, depois de tudo o que tinha acontecido, não me desagradava tanto, de modo algum: esquisitice não é defeito, ao contrário, às vezes atrai a natureza feminina. Resumindo, adiei propositadamente o desfecho: o que havia acontecido, por enquanto, bastava e muito para a minha tranquilidade, fornecia quadros e material mais do que suficientes para os meus devaneios. E é nisso que

reside o mal, no fato de eu ser um sonhador: de minha parte, tinha motivos de sobra; quanto a ela, achava que esperaria.

Assim se passou todo o inverno, como à espera de algo. Eu gostava de deitar-lhe olhares furtivos quando, por vezes, sentava-se à sua mesinha. Ela cuidava do trabalho, da roupa branca, mas às vezes, ao entardecer, lia os livros que pegava do meu armário. A escolha dos livros no armário também devia testemunhar a meu favor. Ela praticamente não saía para lugar nenhum.

Todos os dias, antes do pôr-do-sol, depois do almoço, eu a levava a passear, e fazíamos um pouco de exercício, mas já não tão calados como antes. Procurava justamente fazer de conta que não estávamos calados e que conversávamos harmoniosamente, mas, como já disse, ambos agíamos assim para não nos estendermos. Eu fazia de propósito; quanto a ela, pensava eu, era preciso “dar tempo ao tempo”. Naturalmente, é estranho que nem uma única vez tenha lhe passado pela cabeça, até quase o fim do inverno, que eu gostava de observá-la furtivamente; no entanto, durante todo o inverno, nunca cheguei a perceber que me dirigisse sequer um olhar! Eu pensava ser timidez de sua parte. Além do mais, ela aparentava uma docilidade tão tímida, tão impotente depois da doença. Não, é melhor esperar – “e ela mesma de repente há de vir até você...”

Esse pensamento exercia sobre mim um fascínio irresistível. Acrescentarei uma coisa: às vezes eu como que me inflamava de propósito e, de fato, levava meu espírito e minha mente a tal ponto, como se fosse atirar-lhe ofensas na cara. E isso prolongava-se por algum tempo. Mas o ódio não tinha como amadurecer e consolidar-se em minha alma. Além do mais, eu mesmo sentia que tudo isso não passava de um jogo. Além do mais, naquela época – embora, ao comprar a cama e o biombo, tivesse desfeito o casamento – jamais, jamais pude vê-la como uma criminosa.

E não porque julgasse seu crime com leviandade, mas porque tinha a intenção de perdoá-la já desde o primeiro dia, antes ainda de ter comprado a cama. Resumindo, isso é uma esquisitice da minha parte, já que sou moralmente severo. Ao contrário, aos meus olhos ela estava tão derrotada, tão humilhada, tão esmagada, que às vezes torturava-me de compaixão por ela, se bem que, apesar de tudo, às vezes a idéia da sua humilhação decididamente me agradasse. Agradava-me a idéia dessa nossa desigualdade.

2. A venda caiu

Aconteceu-me nesse inverno de praticar intencionalmente algumas boas ações. Perdoei duas dívidas e emprestei a uma mulher pobre sem exigir qualquer depósito. E não falei à minha esposa sobre isso, nem o fizera, absolutamente, para que soubesse; mas a própria mulher veio agradecer, e quase de joelhos. Desse modo a coisa veio a público; tive a impressão de que ela realmente se inteirou com prazer dessa passagem com a mulher.

Porém a primavera se aproximava, estávamos já em meados de abril, os caixilhos duplos das janelas tinham sido retirados e o Sol começava a iluminar com feixes radiantes nossos aposentos silenciosos. Mas uma venda pendia diante de meus olhos e cegava a minha mente.

Uma venda terrível e fatídica! Como foi que, de repente, ela caiu dos meus olhos e eu, de repente, recuperei a visão e compreendi tudo!? Teria sido obra do acaso, teria chegado a hora, teria um raio de sol acendido em meu espírito embotado o pensamento e a suspeita? Não, não foram nem o pensamento nem a suspeita, mas simplesmente uma veia que, de repente, começou a latejar, uma veia amortecida que começou a vibrar, reanimando e iluminando toda a minha alma embrutecida e o meu orgulho diabólico. Era como se tivesse tido então um repentino sobressalto.

Além do mais, a coisa aconteceu de repente e sem que eu esperasse. Aconteceu antes do entardecer, por volta das cinco horas, depois do almoço...

Antes, duas palavrinhas. Havia coisa de um mês que eu notara nela uma estranha cisma, não que fosse silêncio, era cisma. Disso também dei-me conta de repente. Nesse dia, ela estava sentada com o seu trabalho, com a cabeça inclinada sobre a costura, sem perceber que eu a fitava.

E nisso, de repente, surpreendi-me ao ver que andava tão franzina, magrinha, com o rosto pálido, os lábios descorando – isso tudo, mais a cisma, tocou-me profundamente e no mesmo instante.

Antes disso eu já tinha até ouvido uma tossezinha seca, sobretudo à noite. Levantei-me de imediato e, sem dizer nada, fui pedir a Schreder que viesse à minha casa.

Schreder apareceu no dia seguinte. Ela ficou muito surpresa, olhando ora para Schreder ora para mim.

– Mas eu estou me sentindo bem – disse, esboçando um sorriso.

Schreder não se deteve muito na consulta (esses médicos às vezes costumam ser arrogantemente negligentes) e limitou-se a me dizer no outro aposento que aquilo eram seqüelas da doença e que, com a chegada da primavera, não seria nada mal se pudéssemos viajar para algum lugar à beira-mar ou, se não fosse possível, então simplesmente que nos transferíssemos para o campo. Resumindo, não disse nada, a não ser que estava um pouco debilitada, ou algo no gênero. Quando Schreder saiu, ela tornou a dizer de repente, fitando-me de um jeito extremamente sério:

– Eu estou bem, perfeitamente bem.

Porém, ao dizê-lo, corou de repente, no mesmo instante, de vergonha, ao que parece.

Dava para ver que era de vergonha. Oh, agora eu compreendo: ela se sentia envergonhada por eu ainda ser seu marido, por preocupar-me ainda com ela, como um verdadeiro marido. Mas na hora eu não entendi e atribuí o rubor à sua humilhação (a venda!).

E eis que um mês depois, por volta das cinco horas de um dia ensolarado de abril, estava eu sentado no caixa fazendo as contas. Ouço de repente que ela, no nosso quarto, à sua mesa, com seu trabalho, muito de mansinho, pôs-se a cantar. Essa novidade causou-me uma impressão comovente, tanto que até hoje não consigo entendê-la. Até esse dia eu praticamente nunca a ouvira cantar, a não ser bem nos primeiros dias, quando a trouxe para minha casa e quando ainda podíamos brincar de tiro ao alvo com o revólver. Nessa época sua voz ainda era bem forte, sonora, ainda que insegura, mas extremamente agradável e sadia. Agora sua cançãozinha estava tão fraca! Oh, não é que fosse melancólica, era uma romança qualquer, mas era como se em sua voz houvesse alguma coisa partida, entrecortada, como se sua vozinha não conseguisse se dominar e como se a própria cantiga estivesse doente. Ela cantava à meia-voz e de repente, ao elevá-la, a voz se esgarçou – que pobre vozinha –, esgarçou-se de um modo tão lastimável... Ela tossiu e voltou a cantar baixinho, bem baixinho...

Vão rir da minha inquietação, mas ninguém nunca entenderá por que comecei a ficar inquieto! Não, ainda não era piedade o que sentia por ela, era outra coisa ainda bem diferente. A princípio, nos primeiros minutos pelo menos, fui repentinamente tomado por uma perplexidade e um terrível espanto, terrível e estranho, doloroso e quase vingativo: “Está cantando, e na minha presença! Será que ela me esqueceu?”

Todo abalado, não conseguia sair do lugar, depois levantei-me subitamente, peguei o chapéu e saí, como se não soubesse o que estava fazendo. Pelo menos não sabia para quê e para onde ia. Lukéria veio ajudar-me a vestir o sobretudo.

– Ela está cantando? – disse sem querer para Lukéna. Esta não entendia e continuava olhando para mim sem entender; pensando bem, eu realmente estava sendo incompreensível.

– É a primeira vez que ela canta?

– Não, costuma cantar às vezes, quando o senhor não está – respondeu Lukéria.

Eu me lembro de tudo. Desci as escadas, saí à rua e teria ido para qualquer canto. Fui até a esquina e fiquei olhando para um ponto qualquer. As pessoas passavam, esbarravam em mim, e eu nem me dava conta. Chamei um cocheiro e combinei uma corrida até a ponte Politséiski, a troco de quê, eu não sei. Mas depois desisti e dei-lhe uma moeda de vinte copeques:

– Isso é por tê-lo incomodado – disse eu, rindo para ele de um jeito estúpido, e de repente uma espécie de arrebatamento invadiu-me o coração.

3. Entendo muito bem

Voltei para casa, acelerando o passo. A pobre notinha partida que se tinha esgarçado tornou a ressoar subitamente em minha alma. O ar me faltou. Estava caindo, a venda estava caindo dos meus olhos! Se tinha cantado na minha presença, então era por que tinha me esquecido – e isso era claro e terrível. Era o que meu coração sentia. Não obstante, o entusiasmo invadia minha alma, sobrepujando o medo.

Oh, a ironia do destino! Pois não houve e nem podia ter havido nenhuma outra coisa em minha alma durante todo o inverno a não ser esse arrebatamento – no entanto eu próprio, onde havia estado durante todo o inverno? Teria eu verdadeiramente estado junto de minha alma?

Precipitei-me escadas acima, a toda pressa, nem sei se entrei timidamente. Só me lembro de que todo o chão parecia ondear e era como se eu flutuasse num rio. Entrei no quarto, ela estava sentada no mesmo lugar, costurando, com a cabeça inclinada, mas já não cantava. Lançou-me um olhar rápido e desinteressado, aquilo não era um olhar, era quando muito um gesto, habitual e indiferente, só para ver quem estava entrando no quarto.

Acheguei-me sem rodeios e sentei-me numa cadeira ao seu lado, bem juntinho, feito um louco. Ela olhou rapidamente para mim, como que assustada: peguei sua mão e não lembro o que lhe disse, isto é, o que pretendia dizer; pois sequer falar direito eu conseguia, minha voz falhava, não obedecia. Além do mais, eu nem sabia o que dizer, eu estava ofegante.

– Vamos conversar... Sabe... Diga alguma coisa! – balbuciei de repente uma tolice qualquer. Ora, tinha eu condições de raciocinar? Ela estremeceu de novo e se afastou, num sobressalto violento, fitando-me no rosto, mas de repente assomou em seus olhos uma expressão de severo espanto. Sim, era espanto, e severo. Ela arregalou os olhos para mim. Essa severidade, esse espanto severo aniquilaram-me no mesmo instante: “Quer dizer que ainda quer amor?”

Amor?”, parecia indagar de repente com aquele espanto, ainda que se calasse. Mas eu li tudo, tudinho. Eu tremia todo, e foi assim que desmoronei a seus pés. Sim, atirei-me a seus pés. Ela se levantou de um salto, mas segurei-a com ambas as mãos, com uma força extraordinária.

E eu compreendia perfeitamente o meu desespero, ah, compreendia! No entanto, acreditem, o arrebatamento fervilhava em meu coração de um modo tão incontrolável que eu achava que ia morrer. Beijava-lhe os pés tomado pelo

enlevo e pela felicidade. Sim, por uma felicidade transbordante e infinita, e isso ciente de que não havia remédio para todo aquele meu desespero! Eu chorava, falava qualquer coisa, no entanto não conseguia falar. Nela, o susto e o espanto foram de repente cedendo lugar a um pensamento preocupado, a uma pergunta extraordinária, e ela me encarava de modo estranho, selvagem mesmo, queria o quanto antes entender alguma coisa e sorria. Sentia-se terrivelmente envergonhada por eu lhe beijar os pés, e afastava-os, mas então eu beijava o chão no lugar que eles tinham pisado. Ela viu isso e começou de repente a rir de vergonha (sabem como é, quando se ri de vergonha). Estava prestes a ter um ataque histérico, isso eu vi, suas mãos começaram a tremer – eu não suspeitava disso e continuei balbuciando para ela que a amava, que não me levantaria, deixe-me beijar o seu vestido..., e adorá-

la assim por toda a vida... Não sei, não me lembro – e de repente ela se desfez em pranto e começou a tremer; era o início de um terrível ataque histérico. Eu a tinha assustado.

Levei-a para a cama. Quando passou o ataque, então, sentando-se na cama, agarrou minhas mãos com um ar terrivelmente mortificado e pediu que eu me tranquilizasse: “Basta, não se atormente, acalme-se”, e começou a chorar outra vez. Até a hora de dormir, não saí de perto dela. Fiquei o tempo todo dizendo-lhe que a levaria para Boulogne tomar banhos de mar; agora, já, em duas semanas, que sua vozinha estava tão partida, eu a tinha ouvido havia pouco, que fecharia a caixa, venderia para Dobronrávov, começaríamos uma vida nova, e o mais importante, ir a Boulogne, a Boulogne! Ela ouvia, mas continuava a sentir medo. Sentia mais e mais medo.

No entanto, não era isso o que importava para mim, mas o desejo cada vez maior e mais incontrolável que sentia de prostrar-me outra vez a seus pés e tomar a beijá-los, de beijar o chão que seus pés pisavam e de adorá-la, e “mais nada, não te peço mais nada”, repetia a todo instante,

“não me responda nada, ignore completamente a minha presença, e deixe-me apenas num cantinho a olhar; faça de mim um objeto seu, seu cachorrinho...” Ela chorava.

– E eu que achava que fosse me deixar assim – deixou escapar sem querer, tão sem querer que, talvez, nem tenha se dado conta de como o disse, e entretanto, oh, essas foram as palavras mais importantes, as mais fáticas e as mais esclarecedoras para mim naquela tarde, foram uma punhalada no meu coração! Explicavam-me tudo, tudo, mas enquanto ela estava ao meu lado, diante dos meus olhos, eu tinha uma esperança irremediável e estava extremamente feliz,

Oh, nessa noite eu a deixei terrivelmente fatigada, e sabia disso, mas não parava de pensar que dali a pouco repararia tudo. Por fim, já era noite alta, ela tinha perdido completamente as forças, insisti para que dormisse, e no mesmo instante ela adormeceu profundamente. Fiquei à espera do delírio, o delírio veio, mas foi bem suave. Durante a noite levantava-me quase o tempo todo, aproximava-me para vê-la, pisando na ponta dos pés. Torcia as mãos, fitando aquela criaturinha enferma, naquele pobre leito, na caminha de ferro que havia lhe comprado por três rublos.

Ajoelhava-me, mas, adormecida que estava, não me atrevia a beijar-lhe os pés (sem seu consentimento!). Punha-me a pedir a Deus, mas levantava-me outra vez sobressaltado. Lukéria observava-me e não parava na cozinha. Fui dizer-lhe que se recolhesse e que no dia seguinte teria início uma “outra vida”.

E eu acreditava piamente nisso, cegamente, loucamente. Oh, o arrebatamento, o arrebatamento havia tomado conta de mim! Só esperava o dia seguinte, O pior é que eu não acreditava em nenhuma desgraça, apesar dos sintomas. Eu ainda não tinha recuperado completamente a lucidez, embora a venda tivesse caído, e por muito, muito tempo, oh, até hoje, até hoje não a recuperei! E além do mais, como é que podia ter recuperado então, ela ainda estava viva, e estava aqui diante de mim, e eu diante dela. “Amanhã ela acordará e eu lhe direi tudo isso, e ela compreenderá tudo.” Era esse o meu raciocínio naquele momento, simples e claro, daí o meu entusiasmo! O mais importante era a viagem a Boulogne. Por algum motivo continuava achando que Boulogne era tudo, que em Boulogne algo decisivo ia acontecer “À Boulogne, a Boulogne...!” Esperava pela manhã numa ansiedade louca.

E olha que isso aconteceu não faz mais que alguns dias, cinco dias, não mais que cinco, terça-feira passada! Não, não, bastava que eu tivesse esperado um tempo, um pouquinho só e eu teria dissipado as trevas! Por acaso ela já não tinha se acalmado? No dia seguinte mesmo já me ouvia com um sorriso, apesar da perturbação... O que importa é que esse tempo todo, durante esses cinco dias, demonstrou perturbação ou constrangimento. Sentia medo também, sentia muito medo. Eu não vou ficar discutindo, não vou me contradizer feito louco: era medo, pois como podia não sentir medo? Pois tínhamos vivido tanto tempo como estranhos, estávamos tão desabituaados um com o outro, e isso tudo de repente... Mas eu não reparava no seu medo, uma vida nova resplandecia! É verdade, verdade incontestável que eu cometi um erro. E até, talvez, muitos erros. Assim que acordamos no dia seguinte, ainda pela manhã (isso foi na quarta-feira), naquele mesmo instante, de repente, cometi um erro: de repente fiz dela minha amiga. Eu me precipitei, precipitei-me demais, mas a confissão era necessária, imprescindível – qual o quê, era mais que uma confissão! Sequer ocultei coisas

que passei a vida toda ocultando até de mim mesmo. Revelei sem rodeios que durante todo o inverno não fiz senão estar certo do seu amor.

Esclareci-lhe que a caixa de penhores existia simplesmente em virtude da degradação da minha força de vontade e do meu espírito, era uma idéia pessoal de autoflagelação e vaidade. Expliquei-lhe que naquela ocasião, no bufê, eu realmente tinha fraquejado, por causa do meu jeito, da minha insegurança; a situação, o bufê haviam me intimidado, uma coisa me intimidou: como é que eu vou me sair, será que não vai parecer ridículo? Não foi do duelo que tive medo, mas do ridículo... E depois já não queria reconhecer isso e atormentei todo mundo, por isso atormentei-a também, e em seguida tinha também me casado com ela para atormentá-la. Resumindo, falava a maior parte do tempo como se estivesse febril. Ela própria pegava-me pelas mãos e pedia-me para parar: 'O senhor está exagerando... Está se martirizando', e as lágrimas começavam, por pouco não voltou a ter um ataque. Ficava o tempo todo suplicando-me para eu não dizer nem lembrar nada disso.

Eu não fazia caso das suas súplicas, ou melhor, fazia pouco caso: a primavera, Boulogne!

Lá está o Sol, lá está o nosso novo Sol, só sabia falar disso! Fechei a caixa, transferi os negócios ao Dobronrávov. Propus-lhe de repente distribuir tudo aos pobres, a não ser os três mil iniciais, herdados de minha madrinha, com os quais viajaríamos para Boulogne, mas depois voltaríamos e começaríamos uma nova vida de trabalho. E ficamos assim, porque ela não disse nada, limitou-se a sorrir. E parece que sorriu mais por delicadeza, para não me afligir. Eu me dava conta perfeitamente de que era um fardo para ela, não pensem que era tão tolo e egoísta a ponto de não percebê-lo. Eu via tudo, tudo, até o mais insignificante pormenor, via e sabia melhor do que ninguém; todo o meu desespero estava à vista!

Contava-lhe tudo sobre mim e sobre ela. Sobre Lukéria também. Disse que tinha chorado... Ah, cheguei mesmo a mudar de conversa, eu também procurava não me lembrar de jeito nenhum de certas coisas. E olhem que ela chegou a se animar, uma ou duas vezes, eu me lembro bem, eu me lembro! Por que estão dizendo que eu olhava e não via nada? Se ao menos isto não tivesse acontecido, então tudo teria sido ressuscitado. Pois ela mesma me contava, não faz nem três dias, quando a conversa enveredou para leituras e para o que tinha lido neste inverno, ela contava e ria ao recordar a cena de Gil Blas com o arcebispo de Granada¹⁰. E com que riso pueril, encantador exatamente como antes, quando éramos noivos (um átimo! Um átimo!). Como eu estava feliz! Isso do arcebispo, aliás, deixou-me extremamente surpreso: pois significava que havia encontrado

paz de espírito e felicidade suficientes para divertir-se com uma obra-prima quando convalescia durante o inverno. Quer dizer que já tinha começado a se acomodar completamente, já tinha começado a acreditar plenamente que eu a deixaria assim. “Eu achava que fosse me deixar assim” – vejam só o que ela tinha deixado escapar na terça-feira! Oh, o raciocínio de uma garota de dez anos! E acreditava mesmo, acreditava realmente que tudo ficaria assim: ela em sua mesa e eu na minha, os dois assim, até os sessenta anos. E nisso, de repente, chego eu, o marido, e um marido precisa de amor! Que mal-entendido, que cegueira a minha!

10 Referência ao romance francês *Gil Bias de Santiliana*, de Lesage. (N. T.) Foi um erro também olhar para ela com arrebatamento; era preciso conter-me, pois meu arrebatamento a assustava. Mas eu cheguei mesmo a me conter, já nem beijava mais os seus pés.

Não deixei transparecer sequer uma vez que... Bem, que era seu marido! Ora, uma coisa dessas nem me passava pela cabeça, só fazia adorá-la! Mas também não podia ficar completamente calado, sem dizer absolutamente nada! De repente, disse-lhe que me deleitava com sua conversa e que a considerava incomparavelmente, mas incomparavelmente mais instruída e desenvolvida do que eu. Ela ficou muito corada e disse, um tanto perturbada, que eu estava exagerando. E eu, tolo que sou, não me contendo, contei como fiquei embevecido quando, atrás da porta, naquele dia, ouvi o seu duelo, o duelo da inocência com aquele ser bestial, e como tinha me deliciado com a sua inteligência, com a sua presença de espírito, de uma simplicidade tão pueril. Seu corpo todo pareceu estremecer, quis ainda balbuciar que eu estava exagerando, mas subitamente seu rosto se tornou sombrio, ela o cobriu com as mãos e rompeu em soluços... Aí, nem eu consegui me conter: caí de novo a seus pés, comecei outra vez a beijá-los, e outra vez isso acabou em crise, assim como na terça-feira. Isso foi ontem à noite, e de manhã...

De manhã? Insensato que sou, pois esta manhã foi hoje, ainda há pouco, agora mesmo!

4. Não me atrasei mais que cinco minutos

Ouçam e pensem bem: pois quando nos reunimos há pouco junto ao samovar (isso depois da crise de ontem, justamente), ela mesma chegou a me surpreender com sua tranquilidade, pois foi isso o que aconteceu! E eu que tinha passado a noite toda tremendo de medo por causa de ontem! Mas, de repente, ela se aproxima, pára diante de mim e, com as mãos em súplica (foi agora há pouco, agorinha!), começa a me dizer que era uma criminosa, que ela sabia

disso, que seu crime a havia torturado durante todo o inverno e ainda hoje a torturava, que ela apreciava muito a minha generosidade... “Serei uma esposa fiel, vou respeitá-lo...” Nisso eu me levantei de um salto e abracei-a feito um louco! Eu a beijava, beijava seu rosto, seus lábios, como marido, pela primeira vez depois de uma longa separação. E a troco de quê fui sair agora há pouco, por duas horas, não mais, nossos passaportes para o estrangeiro... Oh, Deus! Apenas cinco minutos, se eu tivesse voltado cinco minutos mais cedo! E essa multidão aí diante da nossa porta, esses olhares para mim, oh, Senhor!

Lukéria diz (oh, agora não deixo Lukéria ir embora por nada no mundo, ela sabe de tudo, ficou o inverno todo, ela vai me contar tudo), ela diz que, quando eu sai de casa, uns vinte minutos depois, quando muito, ela entrou de repente no nosso quarto para perguntar uma coisa à patroa, não me lembro o quê, e viu que sua imagem (aquela mesma imagem da Virgem), retirada do lugar, estava na mesa à sua frente, e a patroa parecia ter rezado naquele instante na frente dela.

“O que está fazendo, patroa?” “Nada, Lukéria, vá... Espere, Lukéria”, aproximou-se dela e beijou-a. “A senhora está feliz, patroa?” “Sim, Lukéria.” “Faz tempo, patroa, que o patrão devia ter vindo pedir perdão... Graças a Deus que fizeram as pazes.” “Está bem, Lukéria, vá, Lukéria” –

e sorriu de um jeito realmente bem estranho. Tão estranho que, dali a dez minutos, Lukéria voltou para vê-la: “Ela estava encostada à parede, bem perto da janela, tinha escorado a mão na parede e apoiado nela a cabeça, ficou encostada daquele jeito, pensando, e estava tão profundamente absorta em seus pensamentos que nem ouviu quando eu parei e fiquei olhando do outro cômodo. Vi que ela parecia estar sorrindo, parada, matutava e sorria. Olhei para ela, voltei-me de mansinho, saí, mas pensava com os meus botões, quando ouço que abriram a janela.

Fui imediatamente dizer que ‘está fresco, patroa, não vá se resfriar’, e a vi no parapeito da janela, e já tinha se posto de pé, com toda a sua altura, na janela aberta, de costas para mim, segurando a imagem nas mãos. Na hora, fiquei com o coração na mão, gritei: ‘Patroa, patroa!’. Ela ouviu, fez que ia se virar para mim, mas não se virou, deu um passo, apertou a imagem contra o peito e... e atirou-se da janela!”

Eu só lembro que, quando transpus o portão, ela ainda estava quente. O pior é que todos eles ficavam olhando para mim. A princípio gritavam, mas aí, de repente, calaram-se e todos à minha frente vão abrindo passagem e... E ela jaz ali com a imagem. Lembro de ter me aproximado em silêncio, parecia estar envolto em trevas, e contemplei-a demoradamente, e todos me rodearam e ficaram falando

coisas. Lukéria estava lá, mas eu não a vi. Diz que falou comigo.

Lembro-me apenas daquele negociante, ele ficava o tempo todo gritando para mim: “Saiu um fiozinho de sangue pela boca, um fiozinho, um fiozinho!”, e apontava o sangue ali na pedra.

Parece que eu toquei o sangue com o dedo, manchei o dedo, e fiquei olhando para ele (disso eu me lembro), e ele não parava de repetir para mim: “Um fiozinho, um fiozinho!”

– E que fiozinho é esse? – comecei a berrar, dizem, com todas as minhas forças, cerrei os punhos, jogando-me contra ele...

Oh, é um absurdo, um absurdo! Um mal-entendido! Uma inverossimilhança! Uma impossibilidade!

E por acaso não é? Por acaso isso é verossímil? Será que se pode dizer que uma coisa dessas é possível? Para quê, por qual motivo esta mulher está morta?

Oh, acreditem, eu entendo. Mas por que ela morreu, ainda assim, é uma pergunta. Ficou assustada com o meu amor, perguntou-se seriamente: aceitar ou não, e, não suportando a pergunta, preferiu morrer. Eu sei, eu sei, não há por que ficar quebrando a cabeça: fez promessas demais, teve medo de não poder cumpri-las, está claro. Há nisso certas circunstâncias realmente terríveis.

Por que, a troco de quê foi ela morrer? Mesmo assim fica a pergunta. Essa pergunta martela, martela em meu cérebro. Eu mesmo a teria deixado simplesmente assim, se ela quisesse que eu a deixasse assim. Ela não acreditou nisso, aí é que está! Não, não, estou dizendo bobagens, não foi nada disso. Foi simplesmente porque teria que ser honesta comigo: amar-me como se ama por inteiro, e não do jeito que teria amado o vendeiro. E como era casta demais, pura demais para concordar com um amor assim, como o que convinha ao vendeiro, então também não quis me enganar. Não quis me enganar com um amor pela metade, sob uma fachada de amor ou com um quarto de amor. Era mesmo muito honesta, aí é que está, meus senhores! E eu que queria inculcar-lhe justamente generosidade no coração, lembram-se? Idéia esquisita.

É extremamente curioso: será que ela tinha consideração por mim? Não sei se me desprezava ou não. Não acredito que me desprezasse. É muito esquisito: por que não me passou pela cabeça sequer uma vez, durante todo o inverno, que pudesse me desprezar? Eu estava totalmente convencido do contrário, até aquele exato instante em que me fincou os olhos com um ar de severo espanto. Severo, precisamente. Foi nessa hora que compreendi de chofre que ela me desprezava.

Compreendi de uma vez por todas, para sempre! Ah, que importa, que desprezasse, ainda que por toda a vida, contanto que estivesse viva, viva! Ainda há pouco ela estava andando, falando. Não consigo entender, como é que ela foi se atirar da janela. E como podia eu imaginar uma coisa dessa cinco minutos antes? Chamei Lukéria. Agora não deixarei Lukéria ir embora por nada, por nada no mundo!

Oh, nós ainda poderíamos nos entender. Só tínhamos nos desabituaado por completo um do outro no inverno, mas por acaso era impossível voltarmos a nos habituar? Por que, por que não poderíamos chegar a um entendimento e começar uma vida nova? Eu sou generoso, ela também, já é um ponto em comum! Eram só mais umas palavrinhas, não mais que dois dias, e ela teria entendido tudo.

O pior, o que é uma afronta, é que isso tudo foi por acaso – um acaso rotineiro, corriqueiro, cruel. Que afronta! Cinco minutos, não mais, não me atrasei mais que cinco minutos!

Que eu tivesse chegado cinco minutos antes, e o momento se dissiparia como uma nuvem, e depois nunca mais nem lhe teria passado pela cabeça. E ela acabaria por compreender tudo.

Agora, no entanto, de novo os aposentos vazios, de novo eu sozinho. Aí está o pêndulo batendo, não é problema dele, ele não tem pena de nada. Não há ninguém, é esta a desgraça!

Não faço mais que andar, andar o tempo todo. Eu sei, eu sei, nem precisam dizer: os senhores acham ridículo que eu esteja me queixando do acaso e dos cinco minutos? Mas isso é tão óbvio. Pensem numa coisa, aí é que está, ela não deixou sequer um bilhete em que dissesse:

“não culpem ninguém por minha morte”, como todo mundo faz. Parece impossível que não tivesse raciocinado que poderiam importunar até a própria Lukéria: “Estava sozinha com ela, então foi você quem a empurrou”. No mínimo, dariam uma canseira nela, sem que tivesse nenhuma culpa, não fosse quatro pessoas terem visto, do pátio e das janelas da casa dos fundos que dá para o pátio, que ela tinha ficado de pé com a imagem nas mãos e que ela mesma tinha se atirado. Mas vejam que também foi por acaso que as pessoas estavam ali e viram. Não, isso tudo não passou de um momento, um momento de descontrole. Uma coincidência e uma fantasia!

Então por que é que estava rezando diante da imagem? Isso não quer dizer que estivesse em face da morte. O momento deve ter durado coisa de uns dez

minutos, não mais, a decisão tomada justamente quando estava encostada à parede, com a cabeça apoiada na mão, e sorrindo. A idéia acudiu-lhe à cabeça, teve uma vertigem e... E diante disso não conseguiu manter o equilíbrio.

Houve nisso um flagrante mal-entendido, não estão vendo? Ainda poderia viver comigo.

E se foi a anemia? E se não passou de uma anemia, de um esgotamento da energia vital? O

inverno deixou-a extenuada, foi isso...

Cheguei tarde!!!

Como ela parece franzina no caixão, como está afilado seu narizinho! Seus cílios parecem flechinhas. Do jeito que caiu, não esmagou, não quebrou nada! Não passou daquele “fiozinho de sangue”. Ou seja, de uma colherzinha de sobremesa. Uma comoção interna. Um pensamento esquisito: e se fosse possível não enterra-la? Porque, se a levarem, então... Oh, não, é praticamente impossível que a levem! Oh, eu sei perfeitamente que terão de levá-la, eu não estou louco e não estou de modo algum delirando, ao contrário, minha mente jamais esteve tão lúcida –

mas como pode ser isso, ninguém em casa outra vez, outra vez os dois aposentados e eu sozinho de novo com os penhores. É delírio, delírio, aí está o delírio! Eu a esgotei, isso sim!

Que me importam agora as vossas leis? De que me servem os vossos usos, os vossos costumes, a vossa vida, o vosso Estado, a vossa fé? Que me julgue o vosso juiz, que me levem para um tribunal, para o vosso tribunal público, e direi que eu não reconheço nada. O juiz gritará:

“Cale-se, oficial!”. E começarei a gritar: “Onde está agora esse vosso poder para me fazer obedecer? Por que a tenebrosa rotina foi destruir aquilo que me era mais caro do que tudo? O

que são as vossas leis para mim, agora? Eu estou me apartando de tudo isso”. Ora, pouco importa!

Cega, cega! Está morta, não pode ouvir! Você não sabe com que paraíso eu a teria cercado. O paraíso estava em minha alma, eu o teria plantado em seu redor! Bem, se você não me amava, muito bem, qual o problema? As coisas poderiam ter sido assim, tudo poderia ter permanecido assim. Podia contar-me

coisas apenas como a um amigo, e aí nos divertiríamos e riríamos alegremente, olhando nos olhos um do outro. Poderíamos viver assim. E caso se apaixonasse por outro, pois que fosse, que importa! Você poderia ir com ele, sorrindo, enquanto eu ficaria olhando do outro lado da rua... Oh, pouco importa isso tudo, a única coisa que importa é que abra os olhos, ao menos uma vez! Se me lançasse um só olhar, só por um instante, por um único instante! Como agora há pouco, quando estava diante de mim e jurava que seria uma esposa fiel! Oh, num olhar eu teria compreendido tudo!

A rotina! Oh, a natureza! Os homens estão sozinhos na terra, essa é a desgraça! “Há alguma alma viva sobre a terra?”, grita o bogatir russo.¹¹ Eu, que não sou bogatir, grito o mesmo, e ninguém dá sinal de vida. Dizem que o Sol dá vida ao universo. O Sol está nascendo, olhem para ele, por acaso não é um cadáver? Tudo está morto, e há cadáveres por toda parte. Os homens estão sozinhos, rodeados pelo silêncio – isso é a terra! “Homens, amai-vos uns aos outros” – quem disse isso? De quem é esse mandamento? O pêndulo bate de um modo insensível, nauseante. São duas horas da madrugada. Suas botinhas estão junto à cama, como se esperassem por ela... Não, falo sério, quando a levarem amanhã, o que vai ser de mim?

11 Herói épico russo com atributos semelhantes aos de Hércules. (N. T.) SOBRE UMA CRIATURA DÓCIL

Em sua edição de 2 de outubro de 1876, o jornal Golos (A voz), de São Petersburgo, estampava a notícia do suicídio de uma certa Maria Boríssova, jovem costureira moscovita que viera tentar a sorte na capital do império. Sozinha na cidade grande, ela caíra na miséria e, por desespero, jogara-se do alto de um prédio, abraçada a um ícone da Virgem.

A tragédia da moça logo teria desaparecido entre os faits divers, não tivesse chamado a atenção de Dostoiévski. O escritor, que já publicara três de seus romances – Crime e castigo saiu em 1866, O idiota foi publicado em 1868, e 1872 é o ano de Os demônios –, dedicava-se então ao Diário de um escritor, uma coluna de sucesso no jornal Grazhdanin (O cidadão) que logo se tornou uma revista mensal autônoma, dirigida pelo próprio Dostoiévski. No número de outubro de 1876, ele comenta o sinistro nos seguintes termos:

“Durante muito tempo não conseguimos deixar de pensar em certas coisas, por mais simples que pareçam, elas como que nos perseguem, e até nos parece então que temos culpa dessas coisas. Essa alma doce e humilde que destruiu a si mesma forçosamente tortura o pensamento.”

Compara ainda o caso de Maria Borissova ao de Liza, filha do revolucionário Aleksandr Herzen, que pouco antes também cometera suicídio. Esta última deixara um bilhete de despedida que parece “frívolo” ao escritor: a jovem estipulava as providências a serem tomadas para um enterro “chique”. Da notícia de jornal, Dostoiévski retém particularmente um detalhe concreto, que deve ter atizado sua imaginação de romancista: “Essa imagem nas mãos é um traço estranho e ainda desconhecido nos suicidas!”.

Prova disso é que, no mês seguinte, o Diário de um escritor é inteiramente ocupado pela novela Uma criatura dócil (Krótkaia), em que o artigo de jornal se transforma em uma “história fantástica”. Curiosamente, Dostoiévski fez questão de não apagar alguns traços da origem jornalística da novela. Vimos que Dostoiévski soube do suicídio da costureira por meio do jornal Golos – o mesmo em que a jovem órfã publica seus anúncios à busca de emprego. Mais para a metade da novela, diz-se que o narrador chegara a viver na casa Viázemski. Ora, o mesmo Golos publicara em 28 de outubro de 1876, pouco antes de Dostoiévski começar a escrever Uma criatura dócil, um artigo em que descrevia essa espécie de cortiço como um antro de “indecências de toda espécie; apenas uma pessoa completamente oprimida pela indigência e ignorância poderia se aproximar dali”. Tais menções não devem ter escapado a alguns leitores da época.

Mas esses detalhes não tornam menos efetiva a metamorfose ficcional por que a história passou às mãos do escritor. A história da costureira serviu de catalisador para apontamentos e idéias que se acumulavam nos cadernos do autor havia algum tempo. Isso vale até para o subtítulo de “história fantástica”. Mais de três décadas antes, em um artigo de 1861, Dostoiévski distinguia o fantástico romântico do fantástico “realista” de um escritor como Poe, que consistia em apresentar a situação mais inaudita ou sobrenatural em tom de relato verídico, de relatório até, com grande amor aos detalhes precisos (leia-se “Prefácio a Poe”, in A narrativa de A. Gordon Pym, publicada pela Cosac Naife em 2002). Não é difícil notar o parentesco dessas idéias com a hipótese do estenógrafo, nas primeiras páginas de Uma criatura dócil.

No que diz respeito ao entrecho, Leonid Grossman, em seu livro sobre Dostoiévski artista (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967), mostrou que o primeiro embrião do que seria a novela data de 1869, quando Dostoiévski imagina um “verdadeiro tipo do subsolo”, de

“ vaidade desmedida”, que não suporta o ciúme e acaba por apunhalar a esposa infiel; em notas paralelas, fala de um “ex-oficial, que se tornara usurário”, agora noivo de uma moça que já tentara o suicídio. O tema não vinga, e reaparece

apenas parcialmente, isto é, sem a figura do “tipo do subsolo”, numa novela intercalar de *O adolescente* (1875), em que se narra a história de Ólia, mocinha desvalida que vem para a capital e acaba nas garras de devassos e alcoviteiras. Mas agora, em 1876, a morte de Maria Boríssova “emoldura o projeto anterior sobre o marido despótico e a mulher-vítima”. Dostoiévski ressuscita os planos de 1869 e, na verdade, traz à tona um dos desenvolvimentos latentes já em *Memórias do subsolo*, de 1864.

Justamente quanto à forma, alguns comentários de Grossman podem ser úteis ao leitor de hoje. Como notou o crítico russo, “Dostoiévski subverte a forma estável da novela clássica, a partir de seus próprios fundamentos”. Em primeiro lugar, Uma criatura dócil revela dois destinos em seu desenvolvimento paralelo, coisa nada usual para o gênero: de um lado, a sina de uma criatura que nem nome tem; de outro, a biografia de um homem do subsolo dos mais loquazes e cruéis, que tenta por todos os meios impor algum sentido a fatos lancinantes. O começo do relato em fortíssimo, que contraria o cânone do impacto final, “determina a construção anelar da novela”: “as curvas afastam-se cada vez mais do ponto de partida, mas a mola distendida se contrai de repente, na direção do centro inicial, de modo que o desfecho, o fim da espiral, se dispõe justamente por cima de seu início: a introdução ao relato”.

O resultado é o que André Gide chamou de “uma coisa estupenda”; Grossman julgou-a

“uma das mais vigorosas novelas do desespero na literatura mundial”, e Robert Bresson partiu dela para realizar *Une Femme douce*, belo filme de 1969. Uma criatura dócil e Sonho de um homem ridículo, do ano seguinte, formam um par de pequenas jóias narrativas do final da vida de Dostoiévski, que já foram comparadas às “pequenas tragédias” de Puchkin e que mostram a mestria do autor ao lidar com uma forma tão diversa de seus vastos romances filosóficos.

OBRIGADO POR ESCOLHER A

LERIORE

Você acabou de dar um passo importante:
transformar intenção em ação.

Que este e-book continue fazendo sentido
quando você voltar a ele.



"Disciplina hoje, uma vida extraordinária amanhã."

CONTINUE ESSA JORNADA

CONHEÇA OUTROS E-BOOKS DA LERIORE E MELHORE AINDA MAIS A SUA VIDA



Mais
conhecimento



Mais
produtividade



Mais
bem-estar



Mais
resultados

CONHEÇA OUTROS E-BOOKS DA LERIORE →

digital.leriores-contato.workers.dev

LERIORE

E-BOOKS QUE TRANSFORMAM CONHECIMENTO EM AÇÃO

Obrigada por fazer parte dessa história!

